

BRASIL-PORTUGAL

1 DE SETEMBRO DE 1902

N.º 87

BRASIL



S. Vicente — SANTOS

POLITICA INTERNACIONAL

Agora que a politica internacional está em ferias, e que a temperatura ardente dos caniculares teve o seu reflexo na actividade da diplomacia, mais occupada na presente quadra em preparar *villeggiaturas* do que em tramar (mercê de Deus!) as intrigas em que é useira, aproveitemos nós tambem a actual quinzena para, á falta de assumptos palpitantes, lançar um rapido golpe de vista sobre a situação do mundo politico europeu, tal como hoje ella se desenha no horizonte meio estufado das diversas nações.

A hora actual representa na politica internacional um compasso de espera, findo o qual vai, segundo todas as probabilidades, accentuar-se a nova orientação que promete substituir a que no ultimo quartel do seculo XIX predominou no nosso continente.

Os dois symptommas mais radiantes da transformação, que se prepara, são a alliança anglo-japonesa, e o accordo franco-italiano. Cada um d'estes factos, pelas consequências que fatalmente ha-de produzir, e que até certo ponto já está produzindo, é factor primordial da proxima futura evolução politica, que vai modificar a situação das grandes potencias, e por consequencia das pequenas nacionalidades tambem.

O tratado anglo-japonês representa, no que respeita á orientação externa da Inglaterra, o primeiro passo para substituir a *splendid isolation*, que durante meio seculo foi o evangelho dos seus estadistas, pela politica de allianças. Tanto na Europa como no Extremo Oriente esta nova attitude da Grã-Bretanha está destinada a ser causa de importantes acontecimentos. Na Asia, os dois imperios reunidos vão pensar com toda a força, de que ali dispõem, para a resolução consoante aos seus interesses da questão chinesa, da questão da Corea e da questão da Mandchuria, ou pelo menos para impedir que qualquer d'estas questões se resolva a Russia, o desejo. Anteriormente, de este espirito, que aliás foi o que presidiu á sua formação, a nova dupla alliança começa por deffrontar-se com a alliança franco-russa, que recentemente estendeu até á China o seu raio de influencia. E' um conflicto, que se prepara, inevitavel e de excepcional gravidade, dada a incompatibilidade irreductivel dos interesses em jogo.

É ao mesmo passo que a alliança anglo-japonesa assim se afirma na Asia, na Europa ha-de necessariamente traduzir-se por uma maior liberdade d'acção na politica inglesa, a qual, simultaneamente libertada das preoccupações da guerra sul-africana e tranquillizada no Oriente pela cooperação do imperio japonês, ficará em circumstancias de poder melhor impôr a vontade e fazer sentir a força da Inglaterra nas questões que se debatem.

Emquanto ao accordo franco-italiano, as suas consequências commecem já a fazer-se sentir. Por mais que de Roma se esforcem em afirmar, que a approximação com a França em cousa alguma altera a situação da Italia para com os seus alliaados officios, ninguém acreditará decerto que semelhante approximação tenha apenas effeitos platonicos. E a prova está na recente visita de Victor Manuel á S. Petersburgo. E' o accordo franco-italiano a transformar-se n'um accordo russo-italiano-francês, prenuncio segundo todas as probabilidades de uma nova triplice alliança. A Alliança vá isto bem, embora a falta de credito na solidez do pacto que a liga á Italia. E d'ahi provem a sua inquietação, sem saber bem para que lado tenha de nostrar a politica. Da Inglaterra separam-n'a os odios imprudentemente atizados durante a guerra sul-africana pela imprensa anglo-phoba. Da França, a recordação sempre amarga da perda da Alsacia e Lorena. Da Russia, o antagonismo de raça e a opposição dos interesses economicos, pelo menos como o partido agrario prussiano os comprehende. Da Austria, a attitude dos slavos e dos magyares em face da propaganda pan-germanista, cada vez mais ousada nas suas arremetidas contra a casa de Hapsburgo. De modo que faltando-lhe agora o apoio da Italia, que por tanto tempo foi incondicional, a situação internacional da Alemanha é a mais incerta entre a das grandes potencias. Tem o imperio allemão, ao que parece, um alliaado seguro — a Turquia. Mas que pôde valer este auxilio? E além d'isso o segredo da protecção dispensada pelo Kaiser a Abdul-Hamid é hoje conhecido de todos: chama-se Asia Menor, região que a Alemanha reputa indispensavel para a sua expansão economica. Que a Turquia consinta na germanização d'esta provincia asiatica, e Guilherme II dar-se-ha por bem pago do que pôde custar-lhe material e moralmente o amparo, que está dando ao sultão.

Não admira, pois, que a diplomacia allemã, antevendo o isolamento que a ameaça, procure captar as boas graças do tzar, e accentue por todas as formas uma approximação com a Russia. Agora mesmo a entrevista de Revel obedece a este pensamento.

Se das grandes potencias dirigimos o olhar para os estados de segunda ordem, assistimos á mesma tendencia para entrarem em combinações novas, que melhor lhes garantam a independencia e protejam o progredir. A Hespanha, que exactamente como a Inglaterra, fez do isolamento a norma da sua politica estrangeira, comprehendeu os inconvenientes de semelhante situação, attribue-lhe o triste desfecho da guerra com os Estados-Unidos, e procura por consequente preaver-se contra futuras eventualidades. Mas para que lado se inclinará? Para o da triplice alliança, como muito naturalmente o deseja o partido da corte, influenciado pelas sympathias da rainha D. Christina, princesa austriaca, conforme se sabe? Para o da dupla alliança, como o reclamam os interesses, que tem em commun com um dos alliaados, que é além d'isso visinho de ao pé da porta — a França? Para o da Inglaterra a qual, graças á posição que mantem na peninsula pela occupação de Gibraltar, e em Marrocos, tanto pôde interessar n'um

dado momento ao destino da Hespanha? Seja como fór, e não obstante as hesitações da escolha, parece fóra de duvida, que a nossa vizinha acabará por entrar em alguma das combinações politicas, que n'este momento occupam e preoccupam os seus estadistas.

A Hollanda sente a mesma necessidade de encontrar apoios internacionales para a sua existencia de nação independente e sobretudo para a integridade do seu vasto dominio colonial. Segundo é vossa corrente, a recente viagem a Berlim e a Vienna do dr. Kuyper, presidente do conselho de ministros, relaciona-se com este assumpto. A Hollanda principia a inquietar-se, diz-se, com as consequências da sua attitude para com a Inglaterra durante a guerra sul africana. Temendo as represalias da Grã-Bretanha, que principalmente se podem exercer nas colonias da Oceania, parece que o sr. Kuyper procura junto dos dois imperios da Europa central a sufficiente garantia contra esta eventualidade. Mas será real o perigo, que ameaça os Paizes Baixos do lado da Inglaterra? Parece-nos que não. Perigoso talvez seja para a Hollanda ir bater á porta da Alemanha, que espereita com avidez todos os pretextos para estreitar as suas relações com o pequeno reino neerlandez. Não é mysterio para ninguém, que ha muito correm na Alemanha publicações, com caracter quasi official, advogando a annexação d'este país ao imperio germanico. Pôde mesmo dizer-se que é este um dos sonhos mais favoritos dos pan-germanistas. A Hollanda consideram-n'a os publicistas allemães como parte integrante da terra tennonica. A sua lingua, a sua litteratura são quasi tratadas como um simples capitulo da *deutsche Zunge* e da *deutsche Litteratur*. Além de que, o contrapelo das colonias da Indonesia sorri de uma maneira especial aos apóstolos da "Maior Germania". E não sómente as colonias hollandesas são tentação permanente a aguçar o appetite do imperio allemão. Tambem os magnificos portos, que os Paizes-Baixos possuem na Europa, não tem passado despercebidos aos planejadores de uma Alemanha maritima, capaz de se deffrontar com a Inglaterra. Sonha-se com uma operação identica á que arranco Kiel aos dinamarquezes, e que foi a condição indispensavel para a Prussia poder figurar como potencia naval.

Dados estes precedentes, que na Haya se conhecem perfectamente, sem passo aviado o da Hollanda, antevendo-se por temor de um perigo imaginario aquelles que para ella mais são de receiar? A maior represalia, que a Inglaterra pôde tirar da actividade hostil dos Paizes-Baixos, não é atacar-lhe as colonias das Indias Orientaes. Semelhante recio affeiza-se nos pueril. O que a Inglaterra pôde fazer, e o *Tzetz* já declarou, que o faria, é abandonar a Hollanda á sua propria sorte, deixando-a ás ambições da Alemanha, que se cedo ou mais tarde háo de acabar por triumphar. Verdá o dr. Kuyper neste perigo? Se o vê não se comprehende como para a conjurar elle se dirige a Berlim e Vienna. Uma reconciliação sincera com Londres é o que elle devia esforçar-se por levar a effeito, visto que o maior perigo que pôde ameaçar a existencia da Hollanda será a indifferença da Inglaterra perante qualquer tentativa de absorção por parte da Alemanha.

Pouco mais ou menos na situação dos Paizes-Baixos está a Suecia. Também ali se sentem os perigos do isolamento actual, e procura com afan uma alliança, que liberte o país das inquietações da hora presente. Sobretudo, depois da russificação violenta inaugurada pela Russia na Finlandia, comprehende-se em Stockholm, que a segurança da Scandinavia está seriamente ameaçada do lado do Oriente. A Suecia refaz á pressa a sua esquadra, vota creditos quantiosos para augmentar as suas fortificações, e dá execução a uma nova lei militar, que lhe permitirá dentro em pouco pôr em pé de guerra e sufficientemente adestrado um exercito, como nunca o teve nos grandes dias de Carlos VII e Gustavo Adolpho. Mas de que servem oitenta ou cem mil homens, embarcados do mais acrisolado patriotismo, contra os milhões de soldados, que n'um dado momento o colosso slavo pôde pôr em campo contra as pequenas nações escandinavas? E' sabido, que de ha muito a Russia tem como alliaado persistente a aquisição de um porto oceanico na Noruega. O golpho de Botvia e o mar Baltico são mares interiores, de mais a mais dominados á sahida pela Alemanha, senhora de Kiel, e pela potencia que, dominando na Dinamarca, poder á sua vontade fechar os estreitos — o de Sund, o grande e o pequeno Belt.

Comprehende-se, pois, o empenho da Russia em conquistar ao norte, para as suas esquadras europeias, um porto livre, que lhes permita chegar sem embarços ao Oceano. Pôde dizer-se com razão, que se a fundação de S. Petersburgo deu ao imperio moscovita uma janella para a Europa, a aquisição de um porto oceanico na Noruega dar-lhe-ha uma porta e bem larga para o mundo. E' uma questão identica á que se apresenta no sul. A Russia, alli, precisa sair do Mar Negro, o que em parte já conseguiu, e passear livremente com as suas esquadras pelo Mediterraneo.

Como pôde a Suecia contra o perigo, que todos os dias se avoluma? Evidentemente só por meio de uma alliança bastante forte (já conter em respeito as ambições da Russia. E n'este caso para a Scandinavia apenas duas nações tem valor — a Inglaterra e Alemanha. Qualquer d'ellas está igualmente interessada em que a força naval da Russia não augmente, e sobretudo em que na Europa do Occidente o colosso do norte não logre alargar ainda mais o seu poder. Por qual d'ellas se decidirá a Suecia? A alliança da Inglaterra é a que menos inconvenientes tem. Será igualmente a mais effizaz?

Atravez da arte

Os versos de Guedes Teixeira vêm de hoje em diante illustrar litterariamente as paginas da nossa Revista.

Poesia como raras, pertencendo ao pequeno grupo dos que sabem e podem fazer toda a gamma do sentimento, Guedes Teixeira quiz gentilmente encarrigar-se de uma secção poetica do «Brasil-Portugal», vasta como o indica o titulo a estas linhas sobrepsto.

Nos grandes acontecimentos, nos assumptos magnos que entre a publicação de dois numeros do «Brasil-Portugal» se saientem e destaquem, saberá Guedes Teixeira encontrar quicquidmente a nota poetica, a emoção sentimental, que atravez da sua arte primorosa, tanto pode traduzir-se n'uma sua lade d'aleite, como n'uma satyra amorosa, como n'um riso, como n'uma lagrima.

E, por esta forma, offerecida aos nossos leitores esta «gourmandise» litteraria e periodica, resta-nos dizer à guisa de presidente da camara: Está aberta a... secção

N. DA R.

EM CINTRA

Lisboa a arder. Domingo. A gare cheia.
Vae largar o comboio. E' tempo. E logo
Vamos rolando entre a cidade feia
E muros altos, sob um ceu de fogo.

— Horas de paz premiando tanta lide!... —
Pouco depois o tunnel já distante
Uns grandes arcos passam Campolide
P'ra Lisboa, com passos de gigante.

Pára o comboio e uma voz de moça
Lança um lindo pregão; entra mais gente...
E este ri, outro canta, aquelle troça,
E o comboio segue alegremente.

Um mar de relva espraia-se a distancia,
Searas p'ra o longe e ainda mais longe o mar,
E agora o ar é cheio de fragrancia,
E os nossos maus pulmões já sentem ar!

Na minha frente uma familia ingleza;
Curva-se para um livro um rapaz novo;
Mas não falta a guitarra, portugueza
Nem a velha alegria d'este povo

Tudo alegre e feliz por este dia,
Cheios de sol, de pó, gente que ri,
Como é honesta aquella companhia
E como nos tornamos bons alli!

O' soturno Suisso dos litt'ratos,
Com tanta inveja e coisa miseranda
Toma um banho, sacode os teus sapatos
E vem connosco para Cintra, anda

E' a feira d'agosto em que as mais bellas
Damas da nossa terra e as mais nobres
Não sei se vendem rosas ou estrellas,
Mas enchem d'oiro e amor as mãos dos pobres.

Festa linda a que a estrella da manhã
Vem no mais nobre vulto de Princeza,
Tão boa que parece nossa irmã!
Tão linda que parece portugueza!

E fico-me a pensar na festa santa...
— Estações passam; é mais fresco o vento —
E já p'ra longe a Pena se levanta
Apontando para o ceu alto e cinzento.

A serra toda cheia de verdura
Vem até nós n'um aspero declive...
Salvé habitação tão casta e pura!
O' ninho d'aguia onde uma pomba vive!

Mas chegamos. E pela estrada fora,
Cheia de sombra e cheia d'alegria,
Uma fontinha é tudo quanto chóra
E soffre em Cintra por aquelle dia.

Vestidos claros, chapéus d'abas largas
Tudo se funde agora por um atalho...
E vale esta hora boa as cem amargas
D'uma longa semana de trabalho!..

Honorarios da Beira que saudade!
Sob este mesmo sol e o mesmo ceu,
Com descantes, sem nada da cidade
Rosas ao peito e santos no chapéu.

E' toda a festa aqui diff'rente em tudo
— De semelhante é só o que se ri —
As raparigas vestem de velludo
E ha-de haver chapéus altos para ahi...

Mas tem graça; é o gosto de luzir
De que fala o grande Eça e que afinal,
Como elle o viu e nol-o fez sentir,
E' portuguez, é nosso, é natural.

E chegamos ao termo da romagem;
Vamos cheios de pó; ha sol ainda...
Barracas enfeitadas de folhagem,
Mulher's, creanças e a paizagem linda...

O ceu formoso tem de quando em vez
Uns vagos tons de cobre. O chão é ardente...
E, p'ra que seja tudo portuguez
Uma charanga toca horrivelmente.

Não temos musica; é a nossa falha!
Sabemos a do vento e mais do mar...
E' a da India e do campo da batalha,
Que o proprio fado é um modo de chorar!...

Mas no local da festa, de repente
Tudo se agita, os olhos com mais brilhos,
E correm para a porta ansiosamente;
E' a Rainha que chega entre os seus filhos.

O' ramos d'essas arvores frondosas,
Inclinae-vos agora até ao chão!
O' creancinhas, atirae-lhe rosas!
Poetas de Portugal, beijae-lhe a mão!

E a tarde cae. Voltamos. Toda a estrada
E' cheia de sorrisos e de gente...
Salta de ramo em ramo a passarada...
E subo p'ra o comboio tristemente.

Deito p'ra Pena um longo olhar ainda...
Distingue-se no ceu já uma estrella...
Cintra cheia de graça e sempre linda!
Cintra de Bernardim, do Lord e d'ella!

GUEDES TEIXEIRA.





Conde de Villa Real

Salões, Ateliers, Interiores

A casa de Matheus, do Conde de Villa Real

Quando falar hoje, aos leitores do *Brasil-Portugal*, da mais caracteristica e imponente casa solarenga de quantas, n'este pavoroso desmoronar das velhas tradições e crenças, podem admirar-se ainda no nosso país. Magnificamente erguida n'um delicioso recanto de provincia, tem ella o poetico encanto que o firme empresta a tudo quanto procura do seu refugio a triste e doce serenidade. E ao contemplar de longe o velho palacio de Matheus, tão severo e tão nobre nas suas grandes linhas architecturæas, rodeado e mascarado em parte por uma vegetação soberba de castanheiros, japonicas, cedros, dróseras e magnolias, que o ar do alto aviventa e abundante a agua ensopa de frescura, dir-se-hia que qualquer ignorada força sobrenatural o protege, e que o abraça ciosamente na sua opulenta cinta verde a mesma alma da Solidão.

Matheus é uma formosissima alameda transmontana, toda bordada a milhares, hortas, vinhedos e povoados de matas abundantes, e, transposto o Corgo, sita 5,5 kilometros a N. E. de Villa Real. E escusado será relembrar que este nome de Matheus ficou perduravelmente assignalado na historia patria, desde a existencia do benemerito morgado de Matheus, o fanatico camonista que, a expensas suas, levou a effeito, e dadiosamente espalhou, a edição monumental dos *Luziadas*, conhecida pelo seu nome, e que é a mais opulenta, a mais artistica e condigna moldura que ainda foi feita a este poema immortral.

A grande casa senhorial de Matheus, hoje propriedade e residencia habitual dos srz. condes de Villa Real, tem em planta a fórmas d'um H, de qual as duas pernas fossem ainda ligadas, a um dos extremos, por um outro corpo transversal. O seu estylo architectonico, em geral sóbrio e symetrico, apresenta na balaustrada e escadaria da frente, e nas respectivas estatuas, tudo trabalhado em granito, os caracteres *barbicos*, e as demasias de ornamentação e a asoprada abundancia de rompagens que ficaram distinguindo a degenerescencia franceza da *renaissance*, em Portugal. Sob este ponto de vista, direi até que as quatro grandes figuras symbolicas e o tympano da fachada principal, bem como os coruchões que, sobre o telhado, prolongam as pilastras das equinas, são exemplares typicos, tanto como, por exemplo, em Villa Real, a originalissima e grandiosa fachada da chamada *Capella Nova*.

Mas, voltando ao grandioso palacio, está o leitor a vêr que, primitivamente, a disposição interior de cada uma das suas extensas alas, (as duas pernas do H), seria uma successão rectilinea de salões, perfeitamente enfiados, d'um a outro extremo, e cujo côrte severo e amplo tomava assim uma amplitude senhorial, no alongamento inflexivel da perspectiva. O que porém não é facil imaginar-se é o accentado e humilde como em cada um d'esses salões realçam as suas linhas de grandeza. Não se imagina o effeito, a emoção, a um tempo de esmagamento e de prazer, com que nos subjagam o espirito, fortemente alleiado pelas saudosas suggestões do passado, aquelles magnificos tectos de castanho, assentando em peanhas entalhadas, todos em artezões floridos, e aquella parcimonia de luz, aquellas paredes singelas como a Fé, aquelles grandes armarios decorativos, aquellas sobreportas maravilhosas, de castanho tambem, de dimensões colossaes, todas em rica obra de talha, lavradas em emblemas heraldicos e figuras allegoricas. Estas, sobretudo, são peças realmente notaveis, e exemplares hoje unicos, supponho, em toda a architectura civil em Portugal.

Das duas grandes alas, a do poente conserva ainda o côrte interior primitivo. São, de lés a lés, sete salões. O primeiro, partindo da fachada posterior para a frente, é o salão habitual dos srões e a estancia de trabalho do sr. conde. Lá está, á esquerda da gravura, a sua secretária, recebendo a luz em cheio d'uma das sacadas, e uma estante com preciosos livros sobre economia politica, agricultura e historia. A' esquerda ainda, fica o fogião, eminado por um precioso



A fachada principal da casa de Matheus

quadrinho a óleo, de interior, feito por uma das filhas do sr. conde, a sr.ª D. Maria dos Prazeres, de collaboração com Silva Porto, que foi seu mestre. A' direita ha mais livros, estatuetas, porcelanas caras com flores, um piano. Na face opposta á porta, e no vô entre duas sacadas, um bello espelho de moldura de talha e uma larga mesa redonda, frente ao indispensavel divan e rodeada de *cassacas* estofadas, sobre a qual, ás noites, um grande candieiro Carcel, de porcelana e bronze dourado, entorna a sua luz clara e tranquilla.

Segue a este a sala de jantar, alentufada e arranjada um pouco confortavelmente, á moderna. Depois a sala de visitas, onde abundam preciosas reliquias de familia e objectos de valor. Entre as primeiras, citarei um pequeno retrato a óleo, do celebre morgado de Matheus, o magnanimo bisavô do conde actual, e que se vê sobre o contador, á esquerda da gravura; bem como o retrato, em corpo inteiro, do pai d'aquelle, D. Luiz Antonio de Souza Botelho, a quem logo terei que referir-me mais especialmente. E são dignos de menção tambem: o lustre; o riquissimo contador arabe (o da gravura), e, frente a este, um outro, indiano, de teca, ébano e marfim; dois espelhos com moldura de talha, em castanho; uma mesa, toda em embutidos de tartaruga, á direita da sala; duas aguarellas de Casanova, retratos das filhas do sr. conde; dois quadrinhos byzantinos, em cobre; e, nos recantos e sobre os moveis, grande porção de loizes da China, India, Japão, faianças portuguezas e da Bohemia, e um grupo de velho Saxe, de remontado valor.

No salão seguinte, parcamente mobilado, ha dois fundos armarios, cavados na parede, de ricas portas alofadadas e cheios de curiosos exemplares de velhas faianças, de que o actual sr. conde foi um entusiasta e prudente amador. O quinto e o sexto salões nada têm de notavel, além dos já citados tectos e sobre-

atractivo e estimulo mais que bastante, a todos os amadores de Arte, para uma devota peregrinação a Matheus.

Entre as curiosidades verdadeiramente notaveis d'esta magnifica estancia figura, como é natural, n'um dos logares primeiros, uma rica edição unica dos *Luziadas*, que ficou sendo como que a



Grande salão de entrada

portas. No setimo e ultimo, que era o *atelier* da sr.ª D. Maria dos Prazeres, admiram-se dois pannos de ras, um d'elles muito bem conservado. Este salão vinha terminar a série, á frente do palacio, pertencendo-lhe as duas sacadas da direita da gravura.

A sala do musquete foi toda amodernada e partida em quartos, para residencia da familia e dos hospedes do sr. conde. Liga, ao centro, as duas alas, um vastissimo salão transversal, a que dá ingresso a escadaria que se vê na gravura, e cujo tecto, artozoado tambem e todo em castanho, é d'uma largueza de lançamento e uma opulencia e delicadeza de trabalho verdadeiramente singulares. Pôde fazer-se approximada idéa pela gravurinha que acompanha este artigo. Ao centro, ha um grande florão em alto relevo, com o braço dos Sonzas; e de duas outras rosaceas pendem dois lampões colossaes, de cobre dourado, ferro e crystal, os quaes por si só, pela phantasia exuberante da forma, pela selecção dos materiaes, pela perfeita execução, pela raridade, pelo caracter, constituem



A Capella

matriz e o typo d'aquella que, em numero de 200 exemplares, o morgado de Matheus teve a benemerita phantasia de dadiivar pelo país. São dois grandes volumes *in folio*, ricamente encadernados em couro lavrado de Cordova, verde e ouro, e encerrado cada um n'uma preciosa caixa, verde tambem, com seu forro de vellado. Distingue-se das mais esta edição typo, porque é toda impressa em pergaminho; e, mais, porque na cabeça de cada canto do poema ella contém as aguarellas originaes que serviram para a execução das conhecidas gravuras em cobre, que illustram o texto, e tambem conserva, de cada uma d'essas gravuras, a primeira prova e a prova definitiva. Os themas d'estas gravuras, hoje havidos como classicos, têm sido reproduzidos pelo zinco em edições posteriores; porém as suas aguarellas originaes, a sépia e branco, bem como as respectivas chapas, conservam-se ainda em Matheus, como um sagrado vinculo de familia.

N'esta empresa metheu o benemerito morgado os melhores pintores, gravadores e impressores do tempo. Essas famosas aguarellas, de tão elegante composição e marcadas com o caracter embonçado da época, são quasi todas de Fragonard, que, com os outros artistas, executou todo o trabalho sob a direcção do afamado academico Gérard. E a tudo o escandecido morgado presidiu e attendeu minuciosamente, não por mera vaidade, mas por uma satisfação bem intima do seu coração e do seu espirito, como o prova o metucioso cuidado com que elle, durante annos, estudou e annotou o poema, corrigiu provas, discutiu variantes e criticou falsas verões, — colossal trabalho este que está integralmente archivado, por seu proprio punho, n'uma letra minuita e firme de sabão, n'um outro exemplar dos *Luziadas* que tambem em Matheus existe, e tem por isso um valor inestimavel, sendo um exemplar bem digno d'um musaeu.

Foi uma empreza, no mesmo tempo, de millionario e de erudito. Foi a poetica collaboração d'um salão n'essa colossal obra de intuição do maior poeta portuguez.

Curiosa e magnificamente tambem, d'uma magnificencia rara em residencias de particulares, é a elegantissima capella do palacio. Fica-lhe a leste, n'uma posição parallelá e um pouco recuada, ao fundo de uma especie de adeo, com um cruzeiro. O seu côrte liga por meio d'um passadizo com o interior do palacio; e a fachada não se vê, na gravura que dá o conjuncto exterior da residencia, por que fica oculta, á esquerda, pelo massiço do arvoredor. Ainda assim, superior a este, há se distingue a agulha da cupula e a cruz terminal da fachada, que é riquissima, toda em cantaria, d'um risco que se impõe pela solidéz e pela grandeza.



Sala dos Serões

O interior é do mais puro gosto italiano, como se pôde vêr pela gravura, que pouco mais abrange do que a capella-mór. No interior da capella, que uma elevada cúpula circular illumina, ha dois altares por banda. A sua construcção, mais recente que a do palacio, data approximadamente de ha 200 annos. Ordenou-lhe a traça, e deixou-a quasi concluida, o já referido pae do morgado de Matheus, D. Luiz Antonio de Souza Botelho, o qual, por sua determinação expressa, teve por ultima jazida uma sepultura rasa, á entrada do liado tempo, accusada apenas por uma lapide com o seu nome e a data do seu fallecimento, (5 de outubro de 1798.)

Este illustre ascendente (travô) do sr. conde de Villa Real, deixou tres fillos: o morgado de Matheus, o sr. D. Antonio, que succumbiu ainda moço, a um desastre no Marão, e uma menina, que foi casada com o barão de Mossamedes, bisavô do ultimo conde da Lapa. D. Luiz foi uma bem interessante e complexa figura! Intellectuissimo, e ao mesmo tempo homem de acção e de vontade, tinha uma grande tara de sensibilidade que o tornava excessivo, nas suas predilecções como nos seus odios, e lhe convertiu as manifestações activas por vèzes em máximas. Era um character todo de extremos, que não comprehendia o mechanico e frio modo de acção dos indifferentes. Ou havia de odiar, ou amar. A sua tenacidade e ardor essenciaes transmuntavam-lhe facilmente a preoccupação d'um momento no seu sonho, no seu ideal de toda a vida. Assim se converteu, com o declinar dos annos, n'um fanatico religioso; assim transmittiu ao filho morgado esse outro fanatismo, não menos adorado nem menos intenso, pelas glorias épicas da sua patria.

Mercê d'essa ideosyncrasy do sobrenatural, de que enformou o seu espirito, a linda capella de Matheus, além de um formoso exemplar de architectura, ha um preciosissimo repository de reliquias e alfaias mysticas, taes e tantas como poucas egrejas mais, incluindo as cathedraes, se vangloriarão de possuir hoje em Portugal. Não exaggero. A Roma chegou rebate d'aquella piedade ingenua, e como D. Luiz era rico e poderoso, exploraram-n'o beatificamente. Só o relicario que o magnanimo fidalgão conseguia, a poder de paciencia e oiro, reunir na sua querida capella, é de passar. São dezenas e dezenas de pequenos frascos e bocetas, de todas as formas e feitios, — uns pyramidas, outros em caixilhos como paineis, outros oblongos como escafes, redondos outros, sobre peanhas, como custodias, — e todos em crystal, adornadas as arestas por cordões, torçal, lantejoulas, flores; todos contendo minusculas espirolas e venerandos restos de santos, lascas de ossos franjados do tempo, poeiras inclassificaveis; sellados todos e canonicamente authenticados por algum laço com sinete cardinalicio, e o competente documento abonatorio da identidade da procedencia.

Entre t'os edificantes profusão de pias raridades apenas specialisarei: dez molduras de crystal branco com reliquias de S. Sebastião, S. Lourenço, S. Domingos e S. Paulo; uma caixinha com pó da pedra do Santo Sepulchro; outra com uma lasca do Santo Lenho; uma cruz grande de crystal, com um Christo «feito de pasta de ossos de santos»; e um frasco «com gordura de S. Lourenço». Mas o mais precioso e interessante d'este inapreciavel mostruário de coisas santas, ingloriamente refugado para aquelle recanto inédito de provincia, vêm a ser: o corpo inteiro de S. Marcos, que se vê no primeiro altar do lado da Epistola, deitado, com o seu feto romano authentico, e empunhando o cope e a palma do martyrio entre as mãos authenticas, cujo tecido inconsistente é resguardado por uma subtilissima véde de prata; e a parte do corpo de S. Bento e de S. Clara, que se guardam do lado do Evangelho, no altar fronteiro. Só o corpo de S. Marcos custou em Roma 900,000 réis. O custo total de todo o relicario, cuidadosamente mettido a rol, verba a verba, por D. Luiz de Souza Botelho, monta a muitos centos de mil cruzados. Está ali verdadeiramente como que fazer a extatica fortuna da sua mais sincera creatura de devoção e de fé.

A collecção dos paramentos para o culto, que está completa, é riquissima; bem como um calix, um thuribulo de prata, que custou 20 moedas, e vinte e tres pequenas custodias, tambem de prata, todas contendo reliquias.

Um facto que em toda a sua tocante singularidade dá a medida da ardente fé religiosa do pae do morgado de Matheus, é o seguinte: Em 1784, estando D. Luiz de Souza no Porto, foi nomeado governador para o Estado de S. Paulo, no Brasil, cargo que exerceu por 11 annos; n'essa occasião, um violento incendio destruiu o magestoso convento de S. Bento, onde havia uma imagem do Senhor dos Passos, de grande devoção, a qual ficou muito damnificada. Pois D. Luiz de Souza, que acudira tambem ao incendio, guardou um dos pés do Senhor dos Passos, em parte chamuscado, mandando restaurar e vestir de novo a imagem á sua casta; e levou depois consigo, como um santo amuleto, o bento pé para o Brasil, de que nunca se separou e que trouxe, no regresso ao reino, para o seu estremeado sanctuario de Matheus, onde finalmente o depositou, acompanhado por esta decima:

*A São Paulo fui congn.
Pelo mar te acompañei,
Nunca te desamparei
Sempre te trouxe conigo.
Sou teu Pai e Pai amigo;
Mas quero com fé crecida,
Me scripções vendida
Tua sincera vendida
Que eu por amor e bondade
Por saltar-te dei a Vida.*

O povo de Matheus e redondezas visita com particular devoção esta capella, aoeste e atralhe a efficacia milagrosa das cinzas d'um outro santo, (mas este é nosso compatriota), e que estão cuidadosamente guardadas e selladas n'um caixote. E' S. Fructoso, abade de Constantina, que morreu em 1761, em cheiro de santidade, e foi depois canonizado, sendo reconhecidamente tido como advogado «contra os cães damnados, bichos venenosos, sezões, maleitas, malinas e dões de ossos.» Tambem os devotos, para obterem os favores celestias pela intercessão de S. Bento, costumam ir depositar no seu altar cestinhos com ovos. E, no segundo altar d'esse mesmo lado do Evangelho, venera-se um táscio retabulo, em madeira, da Senhora da Boa Viagem, particularmente procurada pelas familias dos embarcadigos, e que está comovedoramente rodeado de toda a casta de votos e offerendas.

Na sacristia da capella ha que notar sete presepios, todos muito cheios de figurinhas, com os sabidos effeitos de espinhelos e algodo em rama. Nenhum d'elles é perfeito; antes se distinguem todos pela anachronica phantasia do auctor; que n'um d'elles, por exemplo, nos apresenta o Menino Jesus no presepio, guardado por soldados com o uniforme francez da Convenção. Mas isto no tempo era corrente.

E, para terminar, que já vai desmedidamente longo este artigo.— A sr.^a condessa de Villa Real, que condescendera em acompanhar me na visita á capella, ia dar a sua amavel missão por finda, quando eu lhe perguntei que função desempenhava ali um pequeno parallelepipedo de madeira, especie de caixa das almas, que eu via suspenso d'uma das pilastras, ao alcance da mão dos féis.

— E' uma caixa para esmolas, como ha em todas as egrejas, — disse a illustre senhora.

— Tem uma imagem pintada?

— Tem... — tornou a sr.^a condessa. — Foi pintada ainda por minha filha. E' um Santo Antonio. E como tal, — acrescentou, sorrindo maliciosamente, — é muito procurado, advinha, pelas namoradas impacientes.

— E sabe Elle no menos ser grato a esse culto, fazendo-lhes a vontade?

— Ah, supponho que sim... a avaliar pela confiada insistencia com que as raparigas d'aqui o visitam e lhe trazem flores. Olhe, quer vêr?

E, dizendo, a sr.^a condessa tinha-se aproximado do pequenino malheiro, e de sobre elle colhia um punhado de rosas e malmequeres, que n'um gesto gracioso me mostrava:

— Estas são ainda frescas de hoje... não me deixam mentir!

ABEL BOTELHO.



Sala de visitas

Nota.— As photographias que serviram para illustrar este artigo foram obsequiosamente cedidas pelo distincto amador, sr. Antonio Lopes Martins, que com tanto esmero cultiva as suas predilecções artisticas nos intervallos de descanso das suas funções de guarda-livros do Banco de Villa Real.



In illo tempore



livro que o sr. Trindade Coelho acaba de publicar é a photographia fidelissima da vida academica de Coimbra, essa formosa cidade, essa linda joia alabastrina collocada entre uma turqueza e uma esmeralda — o céo azulante e o Mondego preguiçoso. O *In illo tempore* é constituido por uma serie de paineis que resumam o local, sobretudo de desenho, de escores e de perspectivas. Alguns — como *A festa das latas*, *A campanha do Zé Pereira* e *Sanchea*, o *coimido* — são quadros animatographicos ntidissimos, de uma exactidão flagrante.

Através das paginas d'este livro primorosos não restelam as praxeologias, as guitarras de serenadas, cantam vozes de tricanas que soam como timbres de prata, gemem accordes méctos do fado, estala o espirito esfuizante como girandolas de foguetes, ouvem-se rios que são collares de perolas sonoras desfiladas no ar, escutam-se modifios de rouxinol, perpassam aromas de jardins adornecidos sob a caricia doizadora do sol, chispa a veia murmura do rio serpejando entre as arvores. Desfilam, por deante de nós, todos os grotescos da rua, todos os estudantes que, nas epochas mais chegadas, deixaram nome nos annas escolares ou nos fastos da bohemia prateada, os lentes com o seu capello e as suas *colinadas*, os que vestiam os olhos de lunetas e os que submettiam as arcadas superciliosas ao supplicio do monoculo, as tricanas e os futricas, os cábulas e os estudantaços, os caloiros e os veteranos, os novatos e os *poitinos*, os bedeis e os archeiros. Lá se nos depara com o *Rafão*, o *Pitoco*, o *Jão*, o *Senhora-Memita* e outros cretinados populares. Lá se encontram o *Chato José do Cão*, o Pinto Passaro, o Saraiva das forças ou o Saraiva Canudo, João Arroyo, mestre do orpheon, o glabro Balthazar de Benavente, o inspirado poeta Alfredo da Cunha — que viria a ser jornalista pujante e director do *Diario de Noticias* —, Antonio Lagosea — depois conde, Duarte Praia — actual marquez da Praia, Antonio Alto — agora titular e diplomata, Rodrigues Braga, o inclito Monstinho de Albuquerque, Sergio de Castro — hoje director da *Tarde*, Eduardo de Abreu, Carlos Lobo de Avila, Jacintho Candido, Antonio Feijó, etc. Lá se topa com o *Zé Macaco* — uma figura typica de creado euidadosamente contornada pela lapizeira da Rattazzi no seu livro *esandaloso* —, a tia Camella da tabernaria, o governador civil Zé Pereira — um *platinho* de estallo — o Jayme guitarrista, a Maria Marrafa, o Manoel das barbas, o José Lacio do café *Lezitione*, o *Anda a roda*, o alfayate Paixão, o botecario maduro do Quebra-Costas, a Feliciania Pereira e o lunatico que dava por paus e por pedras quando lhe pediam os *accessorios*, que elle annunciava na vidraça da sua quitanda, ignorando, coitado, que já Gavarni dissera: — «Os *accessorios*! Mas, na vida, é o principal!»

E depois, quantas anedotas, quantos casos picarescos, quantas *paradas* graciosissimas não contem o gracioso volume... Uma vez é o rapto da Cunha, outra é o episodio da Niveleida, outra é o *Aux lates*, *citoyens!* — uma *charge* de um burlesco pyramidal —, outra é o epigramma do diez Alfredo da Cunha ao doutor Pitta, outra é a troça medonha feita por quinhentos diabretes de capa e batina ao Martins de Carvalho:

Alho, alho, alho,
Martina de Carvalho!
Pino, fino, fino,
Cá o Rosalio!

E as troças tem sido, em todos os tempos, um aceppe mais querido dos estudantes de Coimbra do que o manjar branco, os pastéis de Santa Clara e as arrufadas. Lembra-nos, a proposito, aquella que fizeram ao grande escriptor e tribuno Rebello da Silva, quando ensava preparatorios, e, apesar das suas fumaças de litterato, apanhou uma reprovação em latim. A rapaziada dirigiu-se a casa d'elle, e fez-lhe uma asuada tremenda, cantando em côro:

O Rebello Pim-Pim,
Litterato das ducias
Não sabes latim!

No dia seguinte, Rebello da Silva montou numa grua do Rasteiro e pigou-se para Lisboa.

A tricana é, como não podia deixar de ser, tratada com o maximo carinho na obra do sr. Trindade Coelho. Bem o merece. Quem é que, uma vez, esteve na Luza-Athenas e não reparou n'aquelles olhos côr de amora, n'aquella tez de neve que se derrete ao alcool do beijo, n'aquellas formas nervosas e flexiveis como uma lamina de Toledo, n'aquella talhe que rebenta como uma voluta marinha, n'aquellas ellipses opulentas de ancas elasticas, n'aquelles sorriso que é uma claridade perturbada, n'aquella elegancia imperiosa do pisar airoso como um golpe de

aza de colibri? Quem é que, uma vez, passou o 8. Jôlo em Coimbra e não se deleitou ao ouvir-lhe cantar, tão de festa e tão casquilha:

Os estudantes de Coimbra
Andam todos sem dinheiro,
Mandam fazer o calçado,
Não pagam ao sapateiro.

Mes amor anda no estudo,
Já tomou grau de doutor,
Acabada a formatura
Toma capello em amor.

E a tricana — uma belleza latina feita de graça e de força — chega a possuir a habilidade sophistica necessaria para demonstrar que o amor briga com as mathematicas, é que, alli, duas parallelas abraçam, muitas vezes, por se encontrar e que um mais um podem fazer... tres.

O sr. Trindade Coelho ensarta um rosario de bernardices dos lentes, mas esquece-se de lhe juntar aquella que é attribuida a certo cathedratico da facultade de Philosophia, que, ao euectar uma preleção, exclamava: — «Raiou, enfim, a aurora dos fossais!»

O sr. Trindade Coelho — que, como todas as naturezas delicadas e superiores, tem o culto das recordações — não se limita a evocar, em paginas luminosas, o seu passado universitario, mas sóbe mais alto e vae até ao tempo de João Penha e de Anthero do Quental com a celebre *Sociedade do Raio*, e mesmo até ao tempo em que João de Deus veio para Coimbra. Então, as viagens dos estudantes que, do Norte, seguiam para lá, não se faziam em estofados vgoes de caminho de ferro, mas em molesters e pacherrotons cavalligcos, constituido ré-



A porta ferrea da Universidade de Coimbra
reprodução do *In illo tempore*

cuas devidamente pilotadas pelos respectivos arrieiros. Grijó, S. João da Madeira, Arzifim, Oliveira de Azeméis e Albergaria, eram outros tantos pontos de descaço n'aquello pittoresco trajecto; e a estalagem das cachopas no Sardoão e a dos padres em Albergaria, marcavam duas estações gastronomicas, onde os almoceres e os estafetas molhavam a palavra e onde os viajeiros eram acollidos de mui alegre sombra. Eram os tempos em que até o haver-se representado no theatro Academico servia para *truce* parlamentar. Assim, o dr. Barjona — que, com Antonio da Cunha Sotto-Maior, brillava na supremacia arte de rufar no tambor das grandes indagações — investiva, um dia, o ministro Rodrigo da Fonseca por causa de certas tranqunbernias electoras praticadas em Villa-Real. Vae sendo quando, o ministro, espalmado-se na poltrona ministerial, lhe pergunta em voz baixa: — «O Antoninho, lembra-te de quando representavas de dama no Theatro do Museu?» O doutor suspende a torrente oratoria, e, de chinó á banda e capote a arrastar, dirige-se para a sua cadeira resmungando: — «Com este diabo não se faz nada...»

Os tempos de João Penha e de Anthero foram a época inolvidável das patudesas turbulentas nas bodegas da *tia Camello, do Luxemburgo* e do *Conselheiro Rodrigo*, e das orgias temulentas na *tasca do Homem do Gato*, onde compareciam Julio de Vilhena, Bernardino Machado, Margal Pacheco, Frederico Laranjo, Augusto Rocha, Teixeira de Queiroz, Eduardo Cabrita, Guerra Junqueiro, Gonçalves Crespo, Candido de Figueiredo, Simões Dias — *toute la lyre!*



O Pifão
Typo de Coimbra
reproduzido do *In illo tempore*

dos como relicários, tem phrases cíncladas como esculpuras. Lêr esta prosa suggestiva constitue um requintado gozo esthetico, porque o sr. Trindade Coelho escreve n'um portuguez escoreito, n'uma linguagem luzitannissima, agora, que vamos tendo o paladar enfiado pela algemia indecorosa dos garraios litterarios, pelo enxaébo policial dos noticiarios chifrins e pela syphilis incuravel das traducções, como diria Garrett.

O *In illo tempore* vem confirmar os altos ereditos de que goza a sympathica individualidade litteraria do auctor — um prosador de primeira ordem. E' uma obra de coração, é quasi uma obra patriótica.

PICTO DE CARVALHO (Tinop).



“VIU BEM”



— quando o commentador do *Codigo Civil*, o sr. Dias Ferreira, andava no 6.º anno para se doutorar, era veterano do sr. Fernando de Mello Gera-

raides, que foi depois marquez da Graciosa, e morren ha pouco.

Este typo do veterano vae hoje desaparecendo lá de Coimbra; porque ao presente, sabe-se da Universidade quasi sem bigode, e d'antes ia-se para lá já de barba na cara, e o Veterano era uma entidade veneranda — um como representante, para todos os effeitos, do patrio poder!

O pae mandava a mezada e os conselhos; e o veterano fiscalizava a mezada, e dava contas ao pae, de quando em quando, do aproveitamento do calouro, nome que ainda no 1.º anno, mesmo hoje, os *novatos* não perderam de todo.

Explicava-lhe a lição, quando era preciso, e acompanhava-o de noite ás vesperas do feriado — para que elle não cortassem o cabelo, ou, como se diz em Coimbra, para que o não *esmassem*. . . (1)

Ora o sr. Dias Ferreira, como disse, era o veterano do Fernandoes Geraides — que tinha p'los modos o bom gosto de ser um grande cá-bula, e um verdadeiro insubmisso ás leis de Minerwa!

Diz-lhe uma vez o sr. Dias Ferreira:

— Prepare se, olhe que é chamado amanhã. «Viú bem?»

E o Geraides:

— Muito bem.

Mas á noite, em vez de acender o candieiro de tres bicos, de lação amarelo, o novato tira-se de cuidados e péga da môca — e vae com os outros á caça dos gatos!

No meu tempo ainda era tambem costume ir a gente á caça dos

gatos — e aqui está (digo-o agora!) quem ajudou a dar cabo d'aquelle bichano maltez da poetisa D. Amelia Janny, e que a poetisa, diz-se, estimava muito!

O crime . . . — prescreveu!

Andou, pois, toda a noite aos gatos, o bom do Geraides; e quando recolheu quasi de manhã, não quiz saber da *sebenta*, e foi para a aula *sem vér palavra!*

Fez o lente a prelecção do costume, que era a lição para o dia seguinte; e no fim, já se vê, poz-se a folhear a caderneta, a vér quem havia de chamar. . .

Panico p'las bancadas! A' esquerda do sr. Geraides ficava o seu condiscipulo Beirão — o sr. Francisco Antonio da Veiga Beirão, que tem sido ministro, — e que era *urso*.

. . . Até que diz o lente lá da cadeira:

— «O Sr. Fernando de Mello Geraides.»

E o Mello Geraides acotovella com furia o visinho da esquerda, e diz-lhe baixinho:

— Beirão! o Beirão! Olha que foste chamado!

Levanta-se rapido o sr. Beirão, e prega, como era de esperar, uma lição formidavel! A verdadeira lição de *urso!*

Diz-lhe o lente ao dar a hora:

— Estou satisfeitissimo! Tem dito muitissimo bem!

E assenta uma lição optima. . . — ao Fernando de Mello Geraides!

Vae para casa o Fernando Geraides, e conta a *historia* ao sr. Dias Ferreira.

— Oh, diabo! — diz-lhe de rubula o futuro caudico, — fez bem em me prevenir! «Vé bem?»

— Não vejo. . .

— Pois você verá.

E faz-se encontrado com o lente, e com a confiança de meios collegas pergunta-lhe logo:

— Então o rapaz? que tal andou?

O lente, pasmado:

— Optimamente! Você faz lá uma ideia?! Vou chamá-lo ainda outra vez, e hei-de ferrar-lhe um premio no fim do anno!

O sr. José Dias, prudente:

— Homem, isso não! Chamá-lo outra vez, isso não! (*Prudentissimo!*) Não vá o rapaz estragar o que fez!

(1) Escrevia-me um dia um velho bacharel: — «Eu conservo ainda pelo Veterano Coimbra um tal respeito, que não me lembro d'elle sem lhe fazer a continencia. *sem me desembarcar*, — (o desembarcar se um estudante, ou, se leva a capa ao hombro, o ergue a um pouco acima do hombro, ainda hoje é a «continencia» que se faz nos lentes!) Eu não sei se esta respeitavel entidade (o veterano) existe ainda em Coimbra; se não existe já se esta civilização que tudo abastarda e desnacionalisa a levou deante da sua rasoura niveladora, só lenho que lamentar os paes que tem de educar seus filhos em Coimbra, por ter desaparecido a *autoridade* academica que cecando o calouro lhe desenvolvia o espirito, que quando lhe cortava meio bigode o afastava de tavolagens e dos prostribulos, que dando-lhe um *gráu* (*tambem já no meu tempo não havia graús; sendo os que se davam na Universidade, no fim do anno do 4.º anno, com os latins e as solemnidades dos Estalatos*) o incitava a estudar para vir a ser tambem um bom Veterano. Lamento os paes que, nem mesmo indo com os filhos residir em Coimbra, podem substituir o Veterano no que elle tinha de *meistre e de protector*; porque era a convivencia litteraria com os Veteranos de todas as facultades, que imprimia ao estudante de Coimbra o *tal qué* que o distinguia de todos os demais estudantes do paiz.» —

Isso ainda hoje: o estudante de Coimbra não se confunde; e estou agora a lembrar-me de que fazendo eu uma vez uma viagem com José Leite de Vasconcellos, que estudava medicina no Porto, e eu Direito em Coimbra, o surpreendi, uma occasião que estavamos a merendar á borda de uma ribeira, debaixo de uns chopus, a olhar muito para mim em vez de comer: — Que diabo estás tu a olhar? — perguntou-me eu.

— Lá uma coisa. Estou a vér que diabo tem você, os estudantes de Coimbra, que se não parecem com os das outras escolas, mesmo no typo! . . . O phenomeno dá-se, com effeito.

IN ILLO TEMPORE

(A Trindade Coelho)

Que livro tão gracioso, ó meu brilhante amigo!
Sabe o que elle me lembrou? em dia de bom sol
A borboleta branca a voitar no abrigio

Do diadema real de um aureo girasol
Ou as hastes em flor de algum loureiro roza
Onde tenha seu lar o artista rouxinol

Pousou sobre esta banca a joia primorosa
A desatar a flux aromas suavisimos
Aromas que têm voz, e voz tão sonora

Que acorda na memoria es eccos dilectissimos
Do tempo decorrido, embora envolto em prantos,
Pois nós amamos sempre os dias marissimos

Quando n'elles vivia um sonho, que entre tantos,
Houvesse resistido ao naufragar das creanças
Como a flammula irial da barca dos encontros.

Kaleidoscopio vasto onde ha visões intensas
Mavendo-se a sorrir, humanas, suggestivas,
Feitas de mocidade, entre illusões suspensas,

Tem laivos de tristeza, a relembrar ogivas
Nas bellas cathedraes das eras medievas,
Cortando vagamente as claridades vivas,

Porque a Morte e a Alegria alli passam coevas.
E eu fico-me a acismar nas longas agonias
Que devem ter seguido as mortuarias levas

D'esses, que na manha das gratas harmonias
Andaram dentro da alma a afinar violinos
Que a Destruição quebrou d'encontro ás lagos frias.

Parce-me escutar os canticos joaninos
Das tricenas gentis,— felizes que ellas são
Com seus olhos de estrella e labios purpurinos,—

Sapateando o seu *cava*, e o classico *ladrão*
Em gracioso requebro, e graça natural
Que peccar *in mente* o proprio São João.

Coimbra é um rubim que o nosso Portugal
Ostenta, em medalhão de madrugada rubra,
Gran-cruz do Sentimento, em seu peito leal.

Nem sei se pode haver quem mais fulgor descubra
Em jardins de poesia, ou morgados da Arte,
Ou suspiros que a lua assim piedosa cubra

Com seu veu de noviça. Em outra qualquer parte
Não fez solar perpetuo a Fantasia linda,
A quem Flora bordou o poetico estandarte.

Saudade alli gerada é para sempre infunda,
E tem de rellorir nas bastesinhas puras,
Caules de uma tristeza indutil, mas benvinda.

Que encanto n'este livro! E' todo illuminaras
Enginaldando a vida, ameno veio de agua
Onde mal se desenha a nuvem de amarguras,

Que mais tarde virão, em turbo ondar de maguas,
E enrolando na espuma os dulcitos cantares,
Estalar, soluçando, em devorantes fragoas.

Correm, folha por folha, embalsamados ares
De um matinal abril, manha de mocidade
Apagando a neblina intactil dos pezares.

E lá vemos seguir em plena claridade
A turba palpitante e louca das cohortes,
Famosa affirmação da leal fraternidade.

Mas dá pena pensar como esses clos fortes
Um dia soltam vôo, e logo, indifferentes
Demanda enda qual contradictorios nortes...

Ninguem com graça equal nos mostra os bons dos lentos;
Ninguem melhor descreve as graças academicas,
Alacre patrimonio havido de outras gentes

Já hoje em decadencia... As gerações enemias
Nem para o riso franco aleitau magro heroismo
Desde que as ambições ahí reinam endemias.

Que soberbo desdem do sabio pedantismo!
Depois, ou na ironia, ou *troças* desbridas
Não passa quando em quando um luminar altruismo?

E os typos de Coimbra? — Imagens diluidas
Na penumbra do tempo, o desalmado algo...
A gente a ver-lhes mesmo as caras reflectidas

Do espelho do Passado!... Os Hortas, Merzendós,
Tudo quanto lá vae no furacão terrível
Que as raizes do *ser* arranca assim veloz!

E a celebre lição original, viavel,
Esgrima de chalaca em aula de botânica!
Se alguém a pode ler com animo impassível!...

Quando na sociedade a estulta lei organica
Torna a lucta da vida um fôco de inclemencias,
E dobra a alma livre á sua açção tyrannica,

E' refugio o Passado, a menos que as consciencias
Abdiquem da lealdade e arrojem o seu ego
Aos pés do Vellocino, em torpes transigencias.

Remetter ao que *foi* o rigido lavego
Para de alli varrer as flores da memoria,
E' devastar a Creença e arremessal-a ao pégo,

Mas com feros cynismo e ingratição notoria
A alma que tem luz reflecte a ao preterito
Qual uma via lactea em correntea equorea.

Pois mesmo n'este ponto avulta o grande merito
Do seu formoso livro, illustre amigo meu,
Porquanto elle contém o espirituoso inquireto

D'aquelle estado da alma a quem não remordem
A matilha voraz de infastos desenganos,
Nem para a Fantasia ainda nocteou.

Dos que deixaram lá esses ridentes annos,
A quantos o Desgosto a vida ha torturado,
E quantos vem soffrendo os implacaveis dannos

Da perfidia social! Ditoso o que ha guardado
A hostia da Esperança em auroral sacraçrio
Onde nenhum Daniel sentença haja gravado!

No entanto a maior parte, á imitação de Mario,
Sente acudir-lhe o pranto ao ver passar, em ruinas,
A estatua ideal do Sonho, em coche funerario!...

Nas aguas do Mondego, as noites diamantinas,
Costumam derramar dos olhos seus, piedosos,
As lagrimas de amor artisticas, divinas,

Que lhe dão á epiderme uns frémitos nervosos.
São soluços, quiça, de corações bemitidos,
Exilados da Morte em páramos umbrosos,

Que veem perpetuando, em consagrados ritos,
Dolentes orações de claros devancios,
Cambes ou João de Deus podiam, sem delictos,

Esquecer nunca mais a Lapa dos Esteios,
Ou a melancolia intensa do Choupal
Onde chora a Alegria, e a Dor tem seus gorgiejos?

Que artista de eleição, ancioso e passional,
Olvida o agonisar das tardes outonas
N'esse altar erigido á *dôr* espiritual

Que a Magoa baptismo — Penedo da Saudade!
E quem pode esquecer a triste suggestão
Que nos impõe á mente a austera magestade

Do throno magistral, de onde a Meditação
Parece convidar os grandes desalentos,
A' negação do *ser* — *niriana* da Razão!...

Recordar é viver, não é? Em taes momentos
O cerebro suspende o tempo no seu curso,
E assim prolonga o dia nos proprios soffrimentos...

Recordar é chorar!... Chorar é um recurso.

Todo o livro saltita; as graças do dizer
N'um atticismo puro, affluem natraxes,
Por vezes faincandis em lascas de christas
Onde as pambas do Genio o nectar vão beber.

N'este feixe viçoso em vão quero escolher...
São tudo espigas de ouro em pulchras germinas,
Ondeano no contactear das arnas musicas
Que a Alma Portuguesa esenta com prazer.

Ah! quando ingrata gente, em comica attitude
Desdenha quanto é nosso, e preenhe de estulticia
Deereta o exolo ao Genio, e algemas á Virtude,

E' bem que a Fama acenda a conferir, propicia,
As horas no Talento opposto á ignaria rude
Com vitalismo da Arte... E assim:

Fiat justitia!

ANGELINA VIDAL

15-8-902



O EXPRESSO

Houve geral espanto no nosso pequeno circulo de amigos quando soubemos que se ia proximaente casar Valentin Sauterre. O que! elle o solteiro, o aseptico dos *bouleards*, o zombador do casamento, o mais alegre dos homens, elle que jurara em voz que nunca se prenderia—Valentin, enfim, passará para o litimigo? E com quem é que elle vai casar? Com uma viuva? E uma viuva provinciana? Não se podia acreditar.

Por isso a primeira vez que o encontrei, agarrei-o pelo pescoço e pedi-lhe uma explicação.

— Não tenho um minuto de meu, disse-me elle. Tenho tanta coisa que fazer! Acabo de sair da Mãrie, e vou ao extero tratar das participações do casamento. Quer vir comigo?

— Quero, respondi eu.

Estavamos exactamente defronte da Magdalena, e desecemos os *bouleards* de braço dado.

— E' uma historia breve, disse-me Valentin, e vulgar o mais possivel, mas, já que o quer saber, o que é facto é que vou dar o mergulho fatal.

Em febreiro ia eu para Nice passar o Carnaval. Odeio viajar de noite, por isso tomei o comboio das 8 h. 45' da manhã, que chega a Marsella á meia noite e cinco minutos. Devia passar o dia em Marsella com os meus amigos, os Rombauds, que me estavam esperando para lanchar; e no dia seguinte teria de partir para Nice, para chegar ali perto das duas horas da tarde.

Na estação de Lyão havia um apertão terrivel. Graças á bom coheçia polidex do sr. Freynoul, chefe da estação, arranhei uma boa carruagem. Achei-me sózinho com outro viajante que tinha uns mollos severos, uma sondaçoçã e uma pasta. Não tinha outra bagagem senão essa pasta, e por conseguinte não podia ir de certo para muito longe, e em não podia tardar a ficar sózinho, o que é a unica condição que torna supportavel uma viagem em caminho de ferro.

Todos estavam sentados, e o comboio ia partir. Sentimos a bulha de uma discussão violenta exactamente do lado de fóra da nossa portinhola.

— Não senhor, não senhor, disse uma voz de mulher, voz fresca e bonita, com uma accentuação meridional quasi imperceptivel. Pedi um *Compé-leito*, e quero ter um *Compé-leito*.

— Mas, minha senhora, se não temos?

— Porque é que não fizeram caso da minha carta?

— Não recebemos carta nenhuma, minha senhora.

— Então ponham outra carruagem.

— Impossivel. Já pozemos todas as que podiamos pôr. Venha, venha depressa. O comboio vai partir.

— Ao menos quero um logar.

— Mas eu acabo de lhe offerecer dois n'esta carruagem!

— N'esta?

— Sim, minha senhora.

— Apareceu á portinhola uma cabecinha de cabelo negro que logo desapareceu como que assustada.

— Mas ali vão dois homens!

— Então, minha senhora, eu não lhe posso dar uma carruagem só para V. Ex.ª.

— Muito bem, então não quero ir.

— Como quizer; o comboio vai partir. Vou dar o signal.

— Espere, senhor, espere. Preciso de ir por força. Mas ao menos pode-me dar um *compé-leito* na proxima estação?

— Sim, minha senhora. Sim, minha senhora.

— Promette-me?

— De certo.

— Posso ficar segura?

— Sim, sim, sim.

Abriu-se a porta, a cabecinha morena arrojou-se para dentro, rodeada de uma auréola de embrullos e mantas, ouviu-se um assobio e partimos.

O cavalheiro severo veio polidamente sentar-se ao pé de mim, de fóra que deixasse um lado todo livre para a recém-chegada. Estava excitadissimo, e nem se dignou deitar-nos uma vista de olhos, mas poz-se logo a trabalhar no arranjo dos seus embrullos, na rede e nos assentos com a pressa que todos mostram quando tem umas poucas de horas de caminho de ferro em perspectiva. Havia uma mala, duas malas, tres malas, e um numero infinito de mantas.

Segui os seus arranjos com o canto do olho, e cheguei á conclusão que era encantadora. E' certo que é mais agradável viajar com uma mulher bonita do que com um inglex velho e com oculos. Estava um frio levado dos demônios. O campo coberto de neve, e illuminado com uns pallidos e frios raios de sol parecia fugir rapidamente de um e de outro lado da carruagem.

A nossa viajantissima embrulhava até ao queixo nas suas mantas, poz-se obstinadamente a olhar para fóra pela janella que lhe ficava á esquerda. O cavalheiro severo tirou da pasta grandes papeis officias com sellos de todas as côres do arco-iris, — amarelos, verdes, azues e vermelhos — que elle leu com grande attenção. Eu, sentado confortavelmente com os pés no calorifero, comecei a ver o monte de jornaes que tinha comprado na estação para passar o tempo.

Ouzo e vinte minutos. *Laroché!* O comboio parou. O sujeito severo arranjo os seus papeis, levantou-se, tirou o chapéu e deixou a carruagem. Apenas chegou á plataforma, foi recebido pelo chefe da estação, que o tratou por senhor inspetor e a um tom de profundo respeito.

A nossa passagrarissima correu á portinhola.

O senhor é que é o chefe da estação?

— Sim, minha senhora.

— Recebeu um telegrama de Paris pedindo um *compé-leito*?

— Sim, minha senhora, já mandei um despacho.

— Um despacho? O que! pois eu não posso ter um *compé-leito* immediatamente?

— E' impossivel, minha senhora, aqui não temos carruagens, só pôde alcançar um em Terrache.

— Em Terrache. A que horas?

— A's 5 e 45', minha senhora.

— Mas eu não posso passar n'esta carruagem o dia inteiro. E' impossivel. Não quero...

— Minha senhora, cautella que o comboio vai partir.

E o comboio abalou.

Metton-se outra vez no seu canto, com um verdadeiro accesso de raiva, e não se dignou deitar-me nem o mais ligeiro olhar.

Eu por mim paz-me a ler assiduamente o meu decimo jornal.

Confessal-o-hei? Levou-me mais tempo a ler o meu decimo jornal do que levára a ler os outros nove. Li a mesma linha vinte vezes; parece-me que metade do tempo tive o jornal de pernas para o ar. Mas enfim um Francez é um Francez, e não se pôde esperar que um homem faça uma longa jornada com uma mulher deveras bonita sem que se mas não achava, nem inventava um pretexto de conversação.

Por causa do frio, o velho expediente de correr ou de fechar a janella não se podia aproveitar. O que havia de eu fazer? Alguns observação idiota a proposito de nada? Não, antes em vez estar calado.



DR. SOUZA AVIDES
Presidente da Câmara Municipal do Porto



CONSELHEIRO JOSÉ ARAÚJO



ADOLPHO DA CUNHA PIMENTEL



CONS. WENCESLAU DE LIMA
Actual Governador Civil do Porto

Percebera immediatamente, com o meu furo de parisiense, que a minha companheira era uma senhora de boa sociedade. Dirigi-me de repente a ella sem uma apresentação de qualquer ordem far-me-bia passar aos seus olhos pelo mais desprezível dos caixeiros viajantes.

O unico modo de sair da difficuldade era achar alguma coisa magnificamente original que eu lhe podesse dizer. Mas o quê? O quê? Procurei debalde.

Estava ainda á procura quando de subito o comboio parou com aquellos novos freios automaticos tão bons para os desastres e tão maus para os passageiros.

— Tomnerre! Vinte e cinco minutos para bufete! gritou o guarda-freios abrindo a porta.

A minha vizinha levantou-se, desenhara-se das suas mantas que deixou a um canto da carruagem e saiu. Era meio-dia. Começava a ter fome. Dirigiu-se para o bufete, que ficava á esquerda para o outro lado da via.

Segui-a, admirando á minha vontade a sua encantadora figura, bem desenhada por um casaco comprido, que lhe ficava admiravelmente. Tambem reparei nas lindissimas franças negras que o vento lhe acariciava na nuca debaixo do seu chapéu de feltro cinzento, e n'uns péssimos adoráveis.

O dono do restaurant, com um barrete de veludo, com uma cara que se parecia com a de Napoleão III, estava á porta e apontava com muita dignidade e com uma indicação do guardanapo para a comprida meza que os viajantes deviam tomar de assalto.

Eu fui empurrado por um bando de passageiros, a typica multidão de um rapido.

Sentei-me e devorei á pressa os manjares que passaram a correr por diante de mim. A minha companheira de viagem limitou-se a tomar um caldo n'uma meza á parte.

Fui um dos primeiros a acabar, e sai para ir fumar um cigarro na plata-fórma. Os vinte e cinco minutos, reduzidos a vinte como é costu-

me, não tardariam a passar. Os viajantes, em grupos, deixavam o restaurant e iam tomar os seus logares no comboio. Eu já me installara no meu logar. A minha companheirinha ainda não apparecera. Mas eu via-a, do outro lado da via, diante da estante do livreiro da estação, a olhar para os livros. Reparei então que o seu cabelo era um pouco mais claro do que me parecera, mas isso talvez fosse effeito da distancia. Já todos estavam sentados, e os guarda-freios fechavam as portinholas.

— Então ella fica aqui? pensei eu. Está doida!

— Minha senhora! minha senhora! gritei eu da portinhola. Um assobio, e o comboio ia partir.

O que havia de eu fazer? Um pensamento me atravessou o cerebro como um relampago. Ella ia correr o perigo de ficar ali com este tempo que estava sendo horrivelmente frio, sem as suas bagagens e sem os seus abafos. Ao menos que esta pobre rapariga tenha o que traz consigo.

Agarrei n'um braçado as tres malas de mão e as mantas, atreizei-as a um morço de bagagens que por acaso estava na via mesmo no pé do comboio.

— A quella senhora que está além! gritei eu.

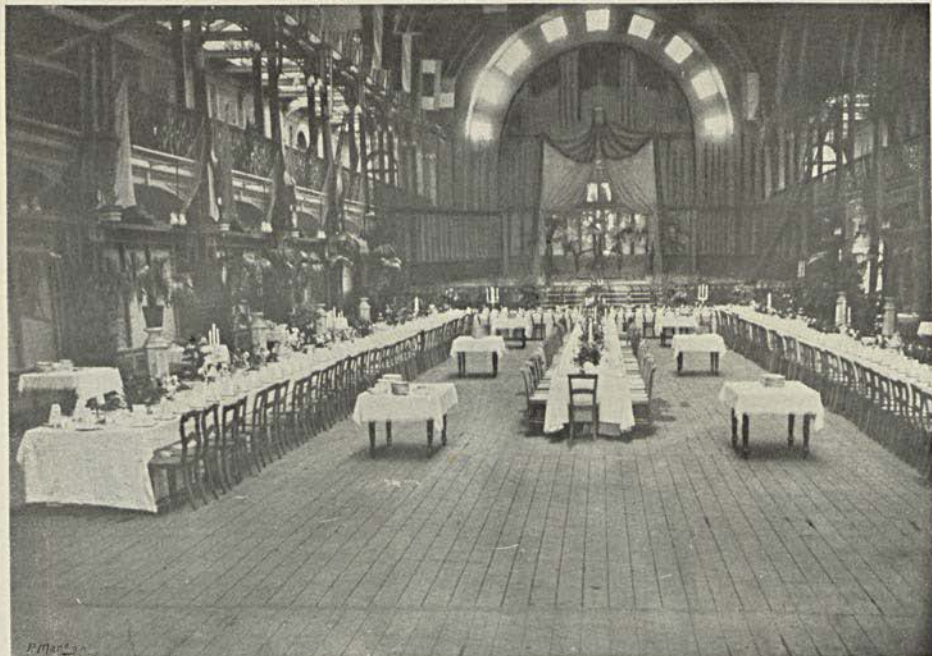
O homem pegou em tudo, e foi leve-o a correr á senhora que estava no livreiro.

No mesmo instante, pelo outro lado da carruagem, pelo lado que ficava ao pé da plata-forma, abriu-se a porta, e a minha companheira de viagem appareceu, assustadissima e quasi atirada para dentro da carruagem por um guarda-freios e logo, logo o comboio partiu. Horror! Eu finis-me enganado! A senhora da livraria não era — o mesmo chapen, o mesmo casaco, a mesma altura, o mesmo de pôr a cabeça — mas não era ella!

Era uma viajante que não viajava! Mas que absurdo este de se vestirem duas mulheres exactamente da mesma maneira! Eu é que tinha arranjado uma bonita embrulhada!



MANUEL FRANCISCO DA COSTA



O SALÃO DO PALACIO DE CRISTAL

Unde se realisou o banquete em honra do Ministro da Justica, promovido pela Commissão Executiva do Partido Regenerador, no Porto, composta dos srs. Wenceslau de Lima, Manuel Francisco da Costa (Dr. Souza Avidés, José Arroyo e Adolpho da Cunha Pimentel)

Apenas entrou na carruagem soltou um grido: «As minhas malas! as minhas malas foram roubadas!» E pela primeira vez olhou para mim — Deus do céu! — com que olhos! Pôde estar certo que nunca me esquecerei d'esse olhar.

— Não, murmurei eu, não minha senhora, as suas malas não foram roubadas. Ficaram... ficaram em Tonnere...

— Em Tonnere?... Como!
Explicou-lhe tudo. Não tento descrever-lhe o segundo olhar que ella me deitou, mas ainda o esquecerei menos do que o primeiro.

— Estou desesperado, minha senhora, estou perfeitamente desesperado, mas asseguro-lhe que as minhas intenções foram excellentes. Imaginei que perdia o comboio, que ia apañar muito frio, e não quiz que apañasse frio. E demais, se me perdia eu dizer-lhe isto, não se deve affligir por causa das malas, estão em mãos seguras — um moço de bagagens — na primeira estação. Ex.ª telegrapha... telegrapho eu... telegraphamos nós... e mandam as malas immediatamente. Oh! ha-de-se ter com toda a certeza, essa lhe juro eu, ainda que eu tenha mesmo de voltar a Tonnere para que as restituam.

— Basta, senhor! disse ella. Sei perfeitamente o que hei-de fazer e mettu-se sobre vós no seu canto, amuando-as com as luvas.

Mas, ai! pobre rapariga, não tinha pensado no frio, e que já não tinha as suas boas e quentes mantas. Ainda não tinham passado dez minutos e já ella começava a tremer. Debalde mudava de posição e cobregava o casaco ao lindro rosto; estava positivamente a bater o queixo.

— Minha senhora! disse-lhe eu, peço-lhe de joelhos que aceite a minha manta. Vá apañar uma grande constipação, apañal-a por minha culpa e eu nunca perdorei a mim mesmo.

— Desejo que não falle comigo, disse ella secamente.
Eu estava nervoso e excitado. Em primeiro lugar, achava-a perfeitamente encantadora, em segundo lugar, estava feroz com o meu estúpido engano. Em resumo, sentia-me capaz das resoluções mais desesperadas.

— Minha senhora, disse eu, ao accetita a minha manta, ou atiro o comigo á via ferrea, e pondo a manta entre nós, abri a janella, e abri a tranqueta da portinhola.

Estava realmente disposto a fazer o que dizia; aqui para nós, parece-me que não, mas tinha essa apparencia porque ella gritou logo:

— O sr. está doído! o sr. está doído!

— A manta ou salto!

Pegou na manta e disse em voz mais branda:

— Mas o sr. vai morrer de frio.

— Não se incomode comigo, minha senhora. Eu não sou friorento, e se eu apañar uma constipação será ella a justa recompensa da minha imperdoável estupidez.

— Diga antes da sua precipitação, porque effectivamente, como diz as suas intenções eram boas. Mas porque foi que me confundió com essa outra senhora?

— Porque ella era tão bonita!

Sorri-me e o gelo quebrou-se. O gelo da conversação, entende-se, porque no mais eu estava já a tremer de frio. Mas como eu esqueci logo o frio, a jornada, tudo! ella era deliciosa, divina, adorável; um espirito vivissimo, brilhante, alegre, original. Gostava immenso de viajar como eu, estivera em Italia, na Hespanha. Sohava em ir ao Egypto, como eu. Em litteratura, em musica, em tudo, os nossos gostos eram eguaes. E então, nem se pôde imaginar, uma immensidade de amigos communs. Era íntima de Saint-Chames, dos Savoyas, especialmente dos Montvazins, e lembrava-me de que talvez a tivesse encontrado vinte vezes n'essas casas e que nunca tinha dado por ella! Onde estavam os meus olhos, gostava de saber onde estavam os meus olhos?

Fallou livremente, agradavelmente, com aquella simplicidade distincta que eu sempre admirei tanto, com um leve — levisimo acento meridional — quasi imperceptivel, dando á sua voz um ligeiro som de canto de passarinho. Era enleador.

Mas, apesar de eu fazer o que podia para o não mostrar, que frio que eu tinha! Em Dijon (2 h. 20') tinha uma calmbra na mão direita. Telegraphámos para Tonnere por causa das malas. Em Macon (4 h. 25') o pé esquerdo foi pelo mesmo caminho. Um despacho de Tonnere dizendo que as malas chegariam a Marsella na manhã seguinte. Em Arrache (6 h. 30'), a minha mão esquerda ficou insensivel. Ella esqueceu-se de restituir-me os meus complices em Valence a meia noite seguiu o exemplo da esquerda. Soube que era viva e bem de vida, mas não estava escaletre. Foi-me dado a entender que ella nunca amára o seu primeiro marido. Em Marsella finalmente (meia noite e cinco minutos) espiritei tres vezes violentamente. Entendeu-me a manta e disse-me graciosamente: «A recoir!»

«A recoir» — Tornou-me a vêr! eu estava no septimo céu.

Passei a noite no hotel de Noailles, uma noite inquieta em que só pensei n'ella. No dia seguinte quando acordei, estava com a mais formidavel constipação que pôde imaginar. Podia-me fazer a apresentar-me aos Rombandos n'esse estado? Que remedio! contavam comigo. Não-me me receber assim, e ánnahá curar-me ha a sol de Nice.

Mas, meu amigo, que surpresa me esperava! Aquelle excellent Romband considerava varias pessoas para me receberem, e estava entre ellas a minha companheira de viagem.

Quando lhe fui apresentado, um imperceptivel sorriso lhe fluctuou nos labios. Eu curvei-me.

— E Tonnere? perguntou eu em voz baixa.

— Já as tenho, replicou ella no mesmo tom.

Fomos lunchar.

— Que constipação que você tem! disse me Romband. Onde diabo apañou isso? No viajão?

— Talvez, respondi eu, mas realmente não me arrependo.

Ninguém entendeu, é claro, esta curiosa resposta, mas a minha gentil companheira de viagem enviou-me um termo e sympathico olhar por

entre o fumo fragante dos magníficos manjares que estavam na mesa; e eu fiquei contente.

— Que mais lhe hei de dizer, meu amigo?

No dia seguinte não fui para Nice, e caso d'aqui a quinze dias.

JACQUES NORMAND.

AS NOSSAS GRAVURAS

«**M. Vicente, Santos** — É a vista geral d'essa cidade, uma das mais importantes do Estado de S. Paulo, no Brasil. No proximo numero daremos, a proposito da visita do sr. visconde de Ouro Preto a Santos, varias outras gravuras das principaes ruas, monumentos e edificios, se-gundo photographias do amador o sr. Marquez Pereira, que gentilmente nos as offereceu.

«**Banquete politico no Porto** — Na ultima visita do sr. conselheiro Campos Fiebert ao ministro da justica, ao norte, foi-lhe offerecido, pelo estado regenerador, um grande banquete de perto 300 falheiros, organizado pela commissão executiva do partido que é composta dos sr. Adolpho da Cunha Pimental, antigo deputado, dr. Venesclau de Lima, governador civil e par do reino, dr. José Arroyo, antigo deputado, dr. Souza Avides, presidente da camara municipal e deputado, e do sr. Manoel Francisco da Costa, importante industrial, cujos retratos damos hoje.

«Nesse banquete que terminou perto da 1 hora da madrugada, houve muitos discursos, fazendo o ministro uma larga expansão do trabalho e do programma governamental.

«**Club Internacional de Regatas** — Tem pouco mais de quatro annos de existencia este club de Santos (Brasil), que foi inaugurado em 24 de maio de 1898, anniversario da memoravel batalha de Tubyty. Conto hoje 300 socios e possui 30 embarcações. A directoria actual comprehende dos sr.s: presidente Elias Teixeira da Fonseca, vice-presidente João Scott Hayden Barbosa, 1.º secretario Mario da Cunha Nogueira, 2.º secretario Alberic Robillard de Marigny, thesoureiro Anísio Nobres, Director: Manoel Martins d'Oliveira, Adolpho Hayden Barbosa, Francisco da Costa Pires, David Ferreira, Henry Tross, Nicolau Roland.

«**Manoel Vaz Preto Geraldas** — Tinha 74 annos de idade este digno par do reino, a cuja morte no seu solar de Louza (Beira Baixa), se referiu já a nossa chronica do n.º 86.

Nasceu a 29 de agosto de 1829, formou-se em direito, fazendo um curso brillantissimo e por morte de seu paé, requereu a entrada na camara alta, como par hereditario. Como seu paé tivesse resignado o seu lugar no parlamento, o requerimento leve larga discussão na commissão de verificação de poderes, dividindo-se as opiniões. A maioria entendendo no entanto que os paes não podem resignar, semo profôrmas, approvou a sua admissoão.

«Era um caçador notavel, sobretudo de perdizes. D'elle escreverem um biographo.

«No energico vigor da forte musculatura, em que o cansaço não entrava, na rapidez do tiro, e na obstinação em atirar, fosse qual fosse a distancia do levante, tinha elle condições de primazia sobre os companheiros de caçador, que não conseguiam nunca avantajar-se lhe em numero de pecas mortas.

E, contudo, profrinha sempre o defezo legal da caça, por não querer perseguir a perdiz enquanto não completamente desenvolvida, nem quando o intuito era de defender a caça de defezas.

Nunca variou de espingarda. Tinha e tem hoje ainda a que sempre lhe serviu. É de dois caços, de carregar pela boca, fabrico inglez. Guardava a com verdadeira amizade e, em primor de qualidades, não a que inferior a nenhuma das que hoje fabricam os mais afamados espingardeiros.

«**Elvino de Souza e Brito** — Filho da India, nasceu em Pangim a 19 de maio de 1851, vindo para o norte fazer o curso de engenharia na escola do Porto. Occupou varios logares technicos nas obras publicas do reino e do ultramar, entrando na politica, quando o celebre estadista Sarava de Carvalho o escolheu em 1873 para seu secretario, sendo ministro das obras publicas. Estão foi eleito deputado, e era agora, por nomeação regia, membro da camara dos pares. Foi ministro das obras publicas no ultimo gabinete progressista creado pelo conselheiro José Lobo de Castro. O sr. Elvino de Souza e Brito, depois de ter, remodelando todos os servicos dependentes d'esse ministerio. Algumas das suas reformas, porém, não chegaram a ter execução. Era um homem de extraordinarias qualidades de trabalho e conhecedor, como poucos, dos vastos ramos em que se divide a administração publica. No parlamento entrou em quasi todos os debates.

A proposito do orador, que era fluentissimo mas não brillante, conta-se esta anedota engraçada:

«Elvino de Brito durante muito tempo não conseguia vencer a reluctancia que experimentava em usar da palavra na camara. Sentiu-se asphyxiado n'aquella atmosphera especial.

Sarava de Carvalho incitava-o, porém, e elle decidiu-se afinal a escrever e a decora o seu discurso, e um dia, achando-se de de animo, pediu a palavra. Estava a nascada a sorte, e já não havia meio de recuar.

Mas, quando o presidente proferiu a phrase tão reocessamente esperada: «Tem a palavra o sr. Elvino de Brito», a commoção e o pavor que o novo deputado sentiu foram de tal ordem, que não lhe occorreu libalmente concessão alguma do discurso que preparára e tantas vezes repetira, procurando intonações, ensaiando gestos. Salvou o da atropellação um requerimento que tinha no bolso. O seu discurso reduziu-se á fórmula consagrada: «Pedi a palavra para mandar para a mesa este requerimento.» E disse a palavra, e a primeira vez terminantemente que materia coragen para falar na camara. Sarava de Carvalho serviu-se então de um subterfugio. Incumbiu outro deputado de fazer a Elvino uma referencia aggressiva, e foi assim que, em um movimento impulsivo, espantado e arrependido, elle se retirou a seu gabinete.

«Era vogal do Tribunal de Contas, adjunto ao commissario regio junto da Companhia Real dos Caminhos de Ferrc Portuguezes, vogal da Junta Conservadora de Ultramar e provedor da Casa Pia. Deixou vivas suas descendentes.



F. C. d'Almeida Moraes

O sr. Almeida Moraes, cujo retrato damos á estampa, nasceu em 1837, em Titi, Estado de S. Paulo — Brasil. E' o actual presidente da Camara Municipal de Santos e mordomo da Santa Casa da Misericórdia. Dece-se á sua iniciativa, além de relevantes serviços prestados ao seu paiz, a fundação do hospital de Isolamento em 1891, anno em que a cidade de Santos foi flagellada pela febre amarella.

Em memoria dos seus serviços, os seus successores, mais tarde, fundaram uma nova enfermaria a que deram o nome de Almeida Moraes.

O BRASIL — PORTUGAL. G.A.L. ajuda o velho honesto e bom, cuja longa vida tem sido um exemplo de altruísmo e de tenacidade na pratica do bem.

O desarmamento

O Daily Telegraph annunciou, e a imprensa estrangeira tem discutido o projecto attribuido ao imperador da Russia da tratar novamente do desarmamento, affirmando-se mesmo que Nicolao II teria elaborado um vasto projecto, visando nada menos que reduzir methodicamente os armamentos actuaes das potencias, e isto em resultado de entrevistas com o rei de Italia e com o imperador d'Allemanha.

Se esta noticia se confirmasse, e se Nicolao II quizesse realmente fazer um novo esforço para completar a obra humanitaria iniciada na conferencia em Haia, a Europa teria de se felicitar, porque o desarmamento methodico é o verdadeiro meio dos povos reconhecerem com resultados praticos que a paz armada indefinida é mais perniciosa que a propria guerra.

As situações dubias e indefinidas causam maiores males que as situações definidas.

Se via pacem, para bellum, é uma proposição falsa, e, para se tornar verdadeira, seria preciso que não houvesse senão guerras defensivas. Mas não ha combate sem aggressor.

Quando um governo trata de augmentar e de aperfeiçoar os armamentos, não é para os armazenar. Conven mesmo experimental-os. Os grandes exercitos armados acham-se mal na inação, e basta uma futilidade para a declaração de uma guerra.

Conven todavia precaver-nos de utopias e de chimeras e ninguém cuide que a guerra, assim como o assassinato, poderá ser completamente supprimida do nosso globo, porque jamais a justiça humana será perfeita, e sempre haverá individuos ou grupos de individuos que preferam morrer a sujeitarem-se a uma sentença injusta. E assim, como ha

aberrações individuais, assim tambem ha aberrações collectivas, ou crimes internacionais, isto é, a guerra.

Mas o que convem distinguir é a guerra, e o estado de guerra permanentemente, representado pela paz armada. Este estado de guerra perpetuo entre nações civilisadas é que tem de desaparecer necessariamente, em virtude das leis naturaes, convido, para o bem da humanidade, que esse desaparecimento se effectue o mais breve possivel.

E', em virtude destas leis, que as luctas entre as sociedades humanas, tem passado da phase physiologica para a phase economica, politica, e enfim para a phase intellectual. Ora a lucta intellectual não poderá exercer-se com o maximo de intensidade, senão pela suppressão do estado de guerra. Este estado tem portanto de ser supprimido, para que não se detenha o progresso humano.

A Europa traz actualmente em armamento 3.200.000 soldados e 300 mil marinheiros approximadamente, ou 3.500.000 homens que custam annualmente 1.200.000 contos de réis.

Uma certa força seria necessaria para a manutenção da ordem interior, e tomando neste ponto por exemplo a Europa que tem um soldado por 1.880 habitantes, bastaria que a Europa tivesse para esse fim um armamento 200 mil homens, escusando de ter 3.300.000 homens a mais. E como cada homem não custará em media menos de 200.000 réis, essa redução produziria uma economia orçamental de 650.000 contos de réis, importancia que se pode considerar duplicada, se esses homens fossem empregados em trabalhos productivos, não contando com as reservas que não attinge a menos de 40.000 contos.

Temos pois que a paz armada custa a Europa pelo menos 1.350.000 contos de réis.

Com este dinheiro se poderia construir milhares de kilometros de caminhos de ferro, atravessando as mais fertis regiões da terra, e produzindo a barateza de uma infinidade de productos de primeira necessidade, e facilitando assim a vida de tanta gente que morre de fome e de tuberculose.

Com esse dinheiro se poderia construir e sustentar pelo menos 150 mil escolas, e divulgar por esta forma a instrução em todo o globo.

Mas ainda ha a attender os 6 mil milhões de contos de réis, em que estão avaliadas as propriedades moveis e immoveis ao serviço da guerra, como as fortalezas, os navios de guerra a artilheria, etc., que, a 4 % representam o juro de 240 mil contos. E talvez este algarismo colossal de um milhão e seiscentos mil contos esteja ainda á quem da verdade, se forem tomados em conta os juros das quantias empregadas como a acquisição do material de guerra.

Dividem-se em dois campos os partidarios da guerra; o que a julgam benefica no passado e prejudicial no presente, e o que a julgam ainda benefica.

Porém parece ser a mais singular das contradicções sustentar que a destruição das riquezas foi um bem aos seculos antes, e outros seculos depois de Christo, e que é um mal na actualidade. — Tambem parece uma verdadeira aberração a opinião de que a guerra produz a selecção da especie humana, quando a artilheria dizima precisamente a elite da humanidade, poupando os fracos e os defeituosos, encarregados de transmitir aos descendentes os seus defeitos organicos.

Outro beneficio attribuido á guerra é o de formar rapidamente importantes aglomerações politicas que se tornam poderosos centros de civilisação. Ora, as necessidades economicas teriam levado as sociedades a relacionarem-se, do que o commercio é uma prova. Estas relações, tornando-se mais numerosas, teriam acabado por formar laços politicos e vastas confederações.

Mas a guerra nunca animou este movimento; e pelo contrario o retardou, e por isso, sem os efeitos perturbadores da guerra, as gran-



Club Internacional de Regatas — Santos — Brasil

des aglomerações ter-se-hiam realizado, ha muitos seculos, sem os odios e as animosidades provenientes da guerra.

Quanto aos beneficios moraes da guerra, recordemo-nos das celebres palavras de Moltke — A paz perpetua é um sonho. A guerra faz parte da ordem das coisas, estabelecidas por Deus. Ella desenvolve as mais nobres virtudes do homem, a coragem, a abnegação e o espirito do sacrificio. O soldado despreza a vida. Sem as guerras, o mundo cahiria em podridão, e perder-se-hia no materialismo. — Mas, não havendo no Evangelho cousa alguma pela qual Deus santifique a guerra, não se creede, aonde Moltke descobriu que o creador do mundo se regala com a destruição das suas creaturas.

E, se a guerra desenvolve os sentimentos generosos, não deixa de desenvolver tambem os instinctos ferozes; e se o soldado mostra desprezo pela propria vida, tambem prova ter em pouca conta a vida dos outros, o que não é humanitario. Se a paz produz a podridão moral, os arabes teriam attingido o cumulo de elevação moral, quando invadiram a Europa, e a Suissa deve fazer hoje no ultimo gráo de decomposição. Se a paz deve produzir o materialismo, então matar o maior numero de creaturas humanas será o idealismo, e procurar faze-as viver felizes e prosperas, quanto seja possivel, será o materialismo. E necessario não esquecer que ha uma coragem moral, como ha uma coragem phisica, e que a primeira é a mais rara. Diz o philosopho russo Novicow que dizer a verdade, e não dizer senão a verdade, é um heroismo muito mais aproveitavel á nossa especie que consentir em se fazer mae-sacrar.

Se considerarmos as guerras de que a Europa foi o theatro no seculo passado, reconheceremos que não resultou dellas nenhuma vantagem para a civilisação. E, se não tivessem havido essas guerras inuteis, a Europa poderia ter hoje um augmento de capitães productores, cujo rendimento se pode calcular em dez milhões de contos, correspondendo a 35 mil réis por habitante, ou a cem mil réis por cada familia de quatro pessoas.

Ha quem imagine que as guerras, entre as nações, duram somente enquanto duram as hostilidades militares, isto é, entre a abertura da campanha e a assignatura da paz. E' um profundo erro. O vencido nunca se resigna, e constantemente pensa na desforra, tratando de augmentar e organizar melhor as suas forças militares que lhe permitam o desagravo, o que produz necessariamente um descalabro nas suas finanças. Toda a diminuição de riquezas se traduz n'um abaixamento de nivel mental. Todos os impostos para sustentar essas forças militares privam um certo numero de individuos de instrucção. Sem a inimidade da França, a expansão nacional d'Allemanha seria hoje muito maior.

Escrevia Rosseau em 1772 — Já não ha francezes, nem hespanhoes, nem allemães, nem inglezes; não ha senão europeus. Todos tem os mesmos gostos, as mesmas paixões, os mesmos costumes —.

E' que as nações europeas se sentem solidarias, sendo para lamen-

tar que esse movimento não seja comprehendido pelos respectivos governos. Uma invenção feita em Berlim repercutiu logo em Lisboa. Um progresso scientifico não fica localisado n'uma cidade, e torna-se patrimonio, não só da Europa, mas de toda a humanidade. São constantes os progressos do direito privado internacional; succedem-se constantemente os tratados de extradição, as convenções postaes e telegraphicas.

O sistema metrico está adoptado em quasi toda a Europa, e é pena que, a exemplo da unificação dos pesos e medidas, não tenha sido ado-



Club Internacional de Regatas — Santos, Brasil

ptada a unificação da moeda; e que, por causa da nossa rotina e do nosso espirito conservador, alimentemos, além de varios parasitas, o parasita do cambista.

As nações europeas formam, ha muito tempo, um unico grupo no nosso globo, e os povos cessariam de ser explorados no dia em que comprehendessem os seus interesses.

No dia em que os interesses dos povos passarem ao primeiro plano, e os das minorias governamentais ao segundo, a liberdade dos agrupamentos realizar-se-ha.

Quando as fronteiras forem limitadas pelas conveniencias dos povos, e não pelo capricho dos governos, a guerra cessará de ser o estorbo normal da humanidade. Esta convicção impor-se-ha um dia, e a justiça triumphará!

Um simples momento de reflexão pode fazer comprehender que com o mutuo auxilio internacional os limites politicos serão considerados abaixo de um ponto de vista muito differente daquello em que os collocamos hoje.

Além disto, o espirito dos povos na Europa deixou de ser bellicos, tanto assim que o serviço militar é aceito com repugnancia pelas populações.

A guerra é tão pouco sympathica ao homem civilizado, que as nações chegadas a um alto gráo de civilisação tratam de se fazer defender por mercenarios. E o espirito publico é tão contrario á guerra, que mesmo aquelles que a promovem, tratam de afastar de si a responsabilidade, consistindo a suprema habilidade da diplomacia em fazer acreditar que se defende um direito, quando mesmo se viola impudentemente o dos outros.

Vencer o adversario, regosijar com asua derrota, adquirir proeminencia constitue uma das emoções mais fascinantes da alma humana. E' para gosar estes momentos deliciosos que um individuo não duvida sacrificar ás vezes milhes de vezes a sua vida e a sua honra. Assim, a preocupação constante de Napoleão I foi subjugar a Inglaterra, e para isso inun-



Club Internacional de Regatas — Santos, Brasil — O barracão do club

dou a terra com ondas de sangue francez. A guerra de 1870 teve por origem a pertença do governo francez em humilhar a Prussia; e para esse fim foram massacrados 280 mil homens.

O que os genios chamam interesse nacional, não é mais do que a satisfacção do amor proprio, do orgulho proprio, e da validade propria. No antigo regimen, a guerra era o divertimento dos principes, o sport dos gentishomens, como a caça. Como o apparelho militar e diplomatico estava organizado, couvinha servir-se delle.

Mas ainda bem que hoje se va comprehendendo que é insustentavel a situacção actual, e que é preciso procurar remedio aos inconvenientes da paz armada. Se as grandes potencias continuarem a gastar os seus rendimentos no augmento e aperfeicçoamento dos armamentos, já não terão dinheiro para a guerra, quando ella chegar.

O que é indubitavel, é que esses formidaveis armamentos tem comprometido a prosperidade dos povos, devendo attribuir-se á paz armada a crise economica que pesa tão duramente sobre as nações continentales da Europa.

C. DE BRITO.



Insercamos um logar á parte para o nosso talentoso collaborador artistico Carlos de Abreu, que tantas vezes tem honrado os paginas do BRASIL-PORTUGAL, com os seus desenhos modestamente firmados pelo pseudonymo *ton*, e expressamente executedos para esta illustração. Ha nos seus quadros, traçados a correr, observação fina, por vezes enustica, e traço impecavel. Carlos de Abreu nasceu em uma cidade de S. Paulo, Brasil, e é filho do commandador Bernardino de Abreu, actual consul de Portugal n'aquelle Estado.

usada como cultor das musas, dizendo, em toada roufenha e fria, uns versos em que se repetia como estribillo:

Tua gloria, teu nome, Castilho,
Ha de ás eras futuras passar.

Era esta a unica homenagem directa ao grande escriptor, que, ou fosse por este motivo ou por um d'aquelles impulsos repentinos de enthusiasmo quasi infantil, tantas vezes aspeitados de modicidade quando era sinceros, e tanto e sempre prejudicados á sua indelivel autoridade de critico, — abraçou com effusão o poestastro, dizendo-lhe: — Continue, sr. F. continue, que ha de ser rival de Camões.

A rapaziada não gostou da hyperbole, logo propalada pelos que estavam no palco e tomou-a á conta de maugação, enquanto eu me fiquei applaudindo de ter resistido ás sollicitações para ir tambem recitar, tomando-me de sincero modo do que tinha por cremas ironias do poeta. Mais tarde, tive de publicar a *Estrela Literaria*, o jornalinho de estudantes, com cujo redolimento logrei concluir a minha atribulada formatura, e, como sollicitasse a collaboração de diversos homens de letras, só dois se dignaram responder ao meu appello, um dos quaes foi Alexandre Magno de Castilho, cavalheiro que nunca vi na minha vida, mas com quem entretive por muitos annos agradabilissima correspondencia epistolar.

Não foi sem grande surpresa que um dia,ahi por 1860, estando eu em Abrantes, recebi de Antonio Feliciano de Castilho convite para escrever uma nota, ácerca do incenso, para a sua primorosa traducção dos *Fastos* de Ovidio.

Surpreza foi e legitimo desvanecimento para os meus vinte e cinco annos a honra de ir conhecer-me com os homens mais illustres no appello do que eu já então considerava como dos primeiros mestres da lingua, como o primeiro e inegavel mestre da metricação. Quasi tudo, quanto elle havia publicado a esse tempo, lera o eu com fervor e enthusiasmo, como quem, tendo engratidão pelo Parnaso, onde nunca havia de se erguer de pé, deixava lá na cumeada, aureolado de gloria esse vulto de gigante litterario que tinha, como unguem, os segredos da fleuesia, da suavidade, da melodia, da abundancia, opulencia e propriedade de estylo.

Dei-me á obra encomendada, com afan: e n'uma terra exhausta de recursos, lá conseguí alinhavar uns periodos, que, muito mal tratados pela revisão, mereceram a honra de entrar n'aquelle vastissimo repertorio de notas, com que o inspirado interprete do sulmonense, opulento, mas estragou industrialmente a edição.

Quando, mais tarde, recebi os seis volumes com a dedicatória firmada por Castilho, foi para a minha vaidadesinha litteraria como se houvesse recebido uma condecoração no campo de batalha.

Correza annos sobre annos, e regresso a Lisboa e estreitando amizade intima com Pinheiro Chagas, sincero admirador e leal amigo de Castilho, sempre a minha modestia se recusou a ser-lhe apresentado no Tibur de S. Francisco de Paula, onde os poetas novos iam receber o baptismo e a sacração das mãos d'esse pontifice maximo das letras, que nunca soube soffrer enthusiasmos e que exaggerava até á hyperbole os meritos dos que estimava.

Eu e as notabilidades litterarias

(Continuação do numero anterior)



BRANCA ainda, mostraram-me, uma vez, nas ruas de Lisboa, Antonio Feliciano de Castilho, envolta n'um capote de pregas, com a nobre cabeça erecta e os olhos como que a procurar-me a luz, que a opacidade das cornecas quasi lhes negava; e quedei-me a scismar, na minha cabeçinha de rapaz, como era que aquelle ego tinha podido aprender latim, esse latim que a custo me se entranhou pelo alvoroço, á fôrça de folhear a grammatica, o Eutropio e o dictionario.

Mal imaginaria eu quanto milagres fizera aquelle talento, privado de vista, quasi desde a primeira infancia!

Embora não houvesse relações directas, a familia Castilho era muito falada em minha casa, e a illustre irmã do poeta, D. Maria Romana, de uma vez, defendeu generosamente os meus interesses, quando minha madrinha me deu baixa de posto de seu herdeiro universal, para me sentempular com um legado de — esta moçada — que aos protectores do novo herdeiro se affigureram serem quarenta e a nobre dama affirmou que eram cincoenta, — no seu terceiro e ultimo testamento, dictado em noite de agonia e dyspnœa, n'aquelle casa do Cunhal das Bolas, onde ella morára tambem e não sei se morou ainda.

Eu do poeta só conhecia outão a letra da *Jovina Lilia* em que se pretendia ver allusões politicas, sendo a *Jovina Lilia* a rainha D. Maria II, e o seu lindo e ingrato amante o infante D. Miguel, que havia rompido o projectado casamento com sua augusta sobrinha.

Curiosos tempos! Depois começaram as aventuras da minha vida e seguiram as da vida do cego sublime. Eu fui cair nas mãos de Antonio Caetano Pereira, que confundia no mesmo furor intrasigente Castilho, Herculano e Garrett, enquanto elle foi, pelos mares fóra, contrair em S. Miguel os germes d'aquella doença, que lhe havia de martyrisar os melhores dias da existencia, tornando-l'ha quasi estéril para a gloria litteraria, e que tinha de o levar a escrever a *Toquiá de um emello* com a mesma primorosa penna, que escrevera *Primavera*, as *Cartas de Echo e Narciso* e *Os Ciumes do Bardo*.

Estava escripto que todos os tres grandes vultos da regeneração litteraria haviam de ter microbio esterilizador da sua autoridade de escriptores. Fica Garrett foi a politica, para Herculano, o azeite, para Castilho, o methodo de letra.

Porque a verdade é que o seu nome glorioso só veio a passar á historia mercê da opulenta bagagem reunida antes e depois do febril devaneo do methodo, enquanto este vegeta quasi esquecido ou supplantado por outros innovadores mais felizes ou menos fanaticos, que seguiram o caminho desbravado pelo sublime iniciador, que aproveitaram a luz e a alegria por elle levadas á escola primaria, mas não prejudicaram, como elle, a propria obra, pelo ruido da propaganda.

Castilho appareceu em Coimbra, parece-me que em outubro de 1854, n'aquelle faina, e paz de derrear o corpo e o espirito de quem não tivesse a sua robusta constituição e o seu robustissimo talento, e logo se organizou uma sessão no salão do theatro academico, em que pela primeira vez falou em publico João de Deus, a esse tempo celebre pela sua vida bohemica, pela pericia no desenho e pela inspiração no delihlar da banca, mas completamente desapparecido como trovador. Quem sabe se alli, discutindo, orthographia com gracejos, como o que se lê nas *Sibichonias* a respeito de varios r r na palavra *barra*, conforme as suas diversas significações, não encontraria o futuro poeta do *Campo das Flores* a idea da *Cartilha Maternal*, e a chave com que entrou na immortalidade do Pantheon dos Jeronymos!

N'outra noite, o inevitavel saur poetico: recita João de Lemos uma poesia escripta expressamente, recita Rodrigues Canôas que se accorrea das margens do Rio e recita Castilho, como eu nunca ouvi recitar. Sem lume nos olhos, os dedos enclavilhados n'um movimento que lhe era habitual, immovel na cadeira, e dando todos os effeitos e realçando todas as belezas do verso, com a voz apenas, com aquella voz, que era musica e encanto para quem o ouvia!

Entre varios outros recitadores, surgiu um estudante, de nulla no-

Mas o illustre poeta, que nacionalisou as obras primas de Molière, frequentava as caixas dos theatros, e ali, por camarins de actores e actrices, era o encanto do auditorio com os seus contos e aneddotas, com as suas recordações de versos de outros tempos e de scenas da sua já longuinha vida academica.

De uma vez, contava elle, em tempos de D. João VI, em anteoio celebrado na sala dos Capellos, o poeta de appellido Assis, recitando um soneto da sua lavra, em cujo ultimo verso não conbera a palavra Cornucopia, a substituiu pelo corno de Amathéa, ao que um improvisador de bom gosto respondera logo com estas duas quadras, que, ouvidas uma vez, nunca mais me esqueceram:

| | |
|-----------------------------|-----------------------------|
| Com chave de oio o soneto | Ora queira Deus que em paga |
| Se feche, o preceito diz: | D'esse gosto tão selecto, |
| Porem fechal-o com um corno | Te ferrem inda na testa |
| Só tu fazes, meu Assis. | Com a chave do soneto. |

Por estas e outras historietas, Castilho era o idolo dos frequentadores dos palcos, e só todos lastimavam que elle não fosse mais assiduo, e, quando vinha, se retrahisse ecd invariavelmente.

Foi por ali, u'essa intelligencia que estabelece o local, que eu comecei a ter relações pessoais com o sublime metricheador; e não tardou que nos encontrassemos na caixa do Gynasium. E, oovir ler a primeira producção poetica de Guimaraes Torrezio, esse notavel exemplar de uma affirmacão scientifica, de que a anatomia e a physiologia dos sexos estão algumas vezes em desacordo no mesmo individuo.

Guimaraes com excepcional aptidão para o trabalho, com tenacidade e persistencia varonis, com sciencia e previsão para dirigir os seus negocios, era um homem pelo caracter e pela indole, sendo uma senhora para os respositos e considerações que todos lhe votavam; e esse homem insaciavel de trabalho quiz tentar a dramalogia, como já tentára o romance.

Leu a sua peça, se bem me lembro, em tres actos, no meio do mais religioso silencio, e, finda a leitura, dirige-se para o visconde de Castilho e pergunta:

Manuel Vaz Preto Geraldes

† na Louza (Beira-Gaiza)
a 14 8 1902

— Então, mestre, que diz?

— Eu, minha senhora, declaro me incompetente, mas está ao pé de mim o nosso confrade C. B., que tem especial competencia no assumpto.

Fiquei entalado, como vulgarmente se diz. E certo que, com o transparente pseudonymo de Christovam de Sá, eu andava fazendo critica litteraria e theatral nas horas vagas; mas de apreciar uma peça depois de a ver representada, de lhe ir notando qualidades ou defectos, de acto para acto, de reflectir sobre o conjunto, no prehenso do theatre para casa, a ter de dar opinio, logo sobre a leitura seguida, na casa do autor, que demais a mais era uma senhora e que apresentava a sua primeira tentativa, a differença era enorme, e eu não sei que phrases anodynas balbuciei, quando da situação embaraços me salvou Rosa pae, o grande actor João Anastacio Rosa, que tomou muito opportunamente a palavra para demonstrar com toda a seria gravidade que a autora devia supprimir tal personagem.

— Mas é o protagonista! exclamou D. Guimaraes.

Este inesperado lance deu tempo a que cada qual se fôsse levantando e esgueirando, que ninguém mais fallasse da peça, a qual nunca se representou.

O Rosa tinha razão! Era preciso supprimir-lhe o protagonista!

Como disse, Pinheiro Chagas, era admirador e amigo de Castilho, que até, se bem me lembro, fora padrinho de um recente casamento. Padrinho ou não, o que não esqueço é que offereceu aquella noiva gentil o volume de Michelet, *La femme*, ricamente encadernado, e com a mais formosissima dedicatória, firmada pela valiosa garatuja da sua assignatura:

La femme, l'idéal, dont la raison s'ennivre,
En la peignait souvent, nul n'avait pu le voir;
Un rêve prophétique éplussait dans ce livre,
Ce livre, après de vous, Madame, est un miroir.

Ora quando o novel poeta deu á estampa os poematos *O anjo do lar* e o *Poema da inocência*, Castilho fez a apresentação da obra, como fez a de *D. Jayme*, de Thomaz Ribeiro, com os exaggeros encomiasticos, proprios da indole e com um bocadinho de ma vontade para uns rapazes de talento, que andavam formando o que então se chamava escola coimbrã.

Ardeu Troya! Levantou-se uma tempestade litteraria, e toda a pessoa que sabia pegar n'uma penna julgou-se no dever de publicar um folheto sobre o assumpto, que assumiu a importancia das guerras do alcerim e da mangorona.

Eu ia conhecendo todas as phases da questão por Pinheiro Chagas, que m'as contava e me emprestava para ler quantas publicações appareciam; mas estava muito longe de me intrinsecar e de me meter n'uma daquellas noitadas que se faziam no escriptorio de Pedro Correia, o malogrado e talentoso escriptor Osorio de Vasconcellos aventou a idéa de entrarmos na luta, mas de vizeira caída e guardando rigoroso inconcuinto; e como a parte da conspiração tivesse assignado Silva Lobo, o

Lobinho da Patriótica, — moço de quem o mundo notava mais as máas qualidades do que as boas, mas a que a alma generosa e fidalga de Pedro Correia perdoava aquellas e sabia apreciar estas, — combinou-se impôr-lhe a obrigação do segredo, que elle guardou religiosamente, apparecendo um folheto meu em redonhella *O meu senso e o meu gosto*, e outro em prosa de Osorio Garrett, *Hezoulo e Castilho*, que o autor, sob o pseudonymo de Ermita do Chiado, accusava como percursores da formação da escola coimbrã.

Eu, buscando ser impassivel, dei para a direita e para a esquerda, nos novos e nos velhos, e accusa-me a consciencia de ter, no entusiasmo da refrega, magoado de alguma maneira Castilho, atepoñdo-lhe muito aciosamente Garrett, comoque lhe prestasse homenagem ao alto momento, e aticasse cooviar a os que o atacavam.

Manteve-se o mysterio por muitas semanas e o proprio Pinheiro Chagas, — a quem eu pedi o meu folheto como pedia os outros, e que me esteve explicando pacientemente as allusões e referencias dos meus versos, — nunca suspeitou quem era o autor e caiu das nuvens quando, róto o segredo, eu confessei a culpa.

Como o pamphletto vinha firmado por um pseudonymo, embora o meu nome estaria maguado, julguei dever fazer a sua publicação, por mim assignada, *Horreos e Curriculos*, em que franca mas respeitavelmente notava quanto Castilho pervertia a critica com a indole luvandineira, quanto lhe enfraquecia a superior autoridade por a não fundamentar, no louvor ou na censura, e quanto talento de taes quilates se desperdiçava em coisas miuimas, como o uso de mausculas ou minusculas no verso.

E, como nunca em minha vida me retractei, não sabendo se o insigne poeta estaria maguado ou humorado a não respeito, nunca mais tive contacto com elle, que, avançando a doença e a idade, já não apparecia nos theatros.

Um dia, enfim, adormeceu no regaço amigo da morte esse que fora grande pelo talento e pelas desventuras, e foi então que, ao acompanhá-lo reverente á derradeira morada, o meu espirito, imposto silencio ás pequeninas paixões da guerra litteraria, mediu bem a grandeza d'aquelle engrandecido, que se não tinha opulenta imaginação creadora, tinha caudales de certo poetico, riqueza de imagens, descripções estupendas para um ego, suavidade e energia de affectos e de paixões a traduzirem-se n'aquelle estylo maleavel, obediente, que constituiu a mais primorosa musica da lingua de Canões e Bernardes, de frei Luiz de Souza e Vieira.

E muitas vezes então me puz a meditar no que teria sido Castilho, se a fatalidade ou a impericia da sciencia o não houvesse privado da vista. Soldado da liberdade, lutando pela liberdade, indo de conquista em conquista, fazendo a gymnastica das facultades oratorias no parlamento, lendo com os seus olhos, escrevendo de seu proprio pulno, conhecendo melhor os homens, porque não é só nos affectos amorosos que

Os labios mentem,

Os olhos não.

e podendo assim dar ença a muitos lisongeiros, e no contacto das gentes succedir o pó de algumas utopias que lhe ensombavam o espirito.

Queem, cego, sódo alto, o que faria se visse bem!

O talentoso e malogrado actor José Carlos dos Santos quiz organizar uma recita de homenagem ao morto illustre, traductor de Molière, e em tarde em que eu estava em casa de Pinheiro Chagas, foi-lhe pedir uma poesia adequada ao assumpto. Recusou-se o brilhante polygrapho, allegando escassez de tempo, e retirou-se triste e desalentado o actor.

Eu, a quem sempre fascinou a audacia de vencer o impossivel, e que vi enjeço de prestar homenagem á memoria d'aquelle, que com os meus brinquedos poeticos poderia ter melihrado, fui para casa, não me dei-tei toda a noite, luctei com a minha rebelde, e na manhã seguinte o Santos tinha seus versos, que publicou depois no folheto *O meu album*.

O grande actor já tinha muito caçada a memoria, já estava vendo muito pouco e faltára-lhe o tempo, de modo que leu muito atropalhadamente os versos, que toda a platá julgou serem de Pinheiro Chagas, então na galeria das sympathias publicas.

Foi o Santos acabar de ler e romper uma ovação delirante de palmas e chamadas ao actor. Mas o actor era quem apparecia no palco, e tanto foi eu apreciar, como gelar-se a platá, que por um triz me não paguei, pelo crime de não ser quem ella julgava; e o panno caiu, no meio do mais ridiculo silencio.

Intelligente publico!

Mas eu estava satisfeito porque tinha rendido publicamente o tributo da minha admiração a esse nome, que é um dos maiores e mais gloriosos da nossa politica litteraria.

(Continúa)

A. M. DA CUNHA BELLEME.

Conselheiro Elvino de Sousa e Brito

† em Lisboa a 17-8-1902



BRASIL-PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora

Largo de Lousã Barão, 50

Paginas supplementares: Off.º Estêvão Nunes & F.ºº
Rua d'Assumpção, 15 & 14

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Vician, Lordo Tavares

Editor—Luiz Antonio Saubas

Redacção e administração—Rua de S. Roque, 125

Est. telegraphico—BRATUGAL.—LISBOA

ASSIGNATURAS

| ESTADOS UNIDOS DO BRASIL | | PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA | ESTRANGEIRO |
|--|---------|---------------------------|-------------|
| Anno | 36\$000 | Anno | 52\$000 |
| Numero avulso { Moeda brasileira | 2\$000 | 6 meses | 28\$000 |
| | | 3 meses | 15\$000 |
| | | Numero avulso | 5\$000 |
| | | Anno | 72\$000 |
| | | 6 meses | 42\$000 |
| | | Numero Avulso | 8\$000 |

SUMMARY

TEXT

Vista de S. Vicente (Santos)
"Politica internacional" — CONSOLHEIRO PEDROSO.
Em Lintra — GREGES TEIXEIRA.
Salões, ateliers e interiores — A casa de Matheus do conde de Villa Real — ABEL BOTELHO.
In illo tempore — PINTO DE CARVALHO (Tinop).
Via bem? — TRINDADE COELHO.
In illo tempore — ANGELINA VIDAL.
O expresso — JACQUES NORMAND.
As nossas gravuras.
Almeida Moraes.
O detarmamento. — C. DE BRITO.
Carlos de Abreu.
Eu e as notabilidades litterarias — A. M. CUNHA BELLEM.

32 Illustrações

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
Representantes do «Brasil-Portugal».
Bom conselho.

ANNUNCIOS

Os vinhos de Adriano Ramos Pinto. — Porto
Chapelaria da Moda—Lisboa.
Gabinete Hydrotherapico—Lisboa.
H. Parry & Son. — Lisboa.
Estamparia do Bulhão — Porto.
Villar d'Allen—Vinhos—Rio de Janeiro.
Grande Hotel Metropole—Rio de Janeiro.
Grande Hotel — S. Paulo.
Moimho Matarazzo — S. Paulo.
Novo Hotel do Guarujá — Santos.
Veadó.
Vinhos Velhos Legitimos do Porto. — Porto.
Cimento Portland — S. Paulo.
Companhia Gerall da Credito Predial—Lisboa.
Companhia Mechanica e Importadora — S. Paulo
Linha utis e instructivos — Lisboa.
Fabrica de Tecidos e Fiação — S. Paulo.
Drogaria e Perfumaria — S. Paulo.
Daniel Monteiro d'Abreu — S. Paulo.
O Boticão Universal — S. Paulo.
Escola Academica — Lisboa.
Almeida & Serpa Pinto — Porto.

La Union y El Fenix Español—Lisboa.
Agua de Carabaña—Lisboa.
Atelier d'Alfatate A. Couto — Lisboa.
Agencia Financiera de Portugal—Rio de Janeiro
London e Paris—Lisboa.
João Ferreira — Porto.
Lenos e Filhos — Porto.
Fabrica de Tecidos de Lã e Algodão—S. Paulo
Loja do Japão — S. Paulo.
C. P. Vianna & C. — S. Paulo.

NA CAPA

Garantia da amazonia—Pará.
Brasil-Portugal.
Notre Dame de Paris.—Rio de Janeiro.

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—(Agencia Central dos Estados do Sul. Coronel Theobaldo Pupo de Moraes e José Martins Filho, Rua da Alfândega, 4, sobrado.
FERREIRAS—A. Leopoldo da Silveira. — Rua Primeiro de Março, n.º 14
PARÁ—J. B. dos Santos — (Livreria Classica) — Rua João Alfredo, 59.
MARANHÃO—Jayme & Camara—Livreria Classica—Rua Guilherme Moreira.
MARANHÃO—Leoncio J. de Medeiros & C.ª
CEARA—A. Ferreira Braga — Praça José Alencar 20
BAHIA—José Luis da Fonseca Magalhães Livreria Magalhães—Rua Direita do Palacio, 25
PELOTAS—Carlos Pinto & C.ª (Livreria Americana).
PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.ª (Livreria Americana).
RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.ª (Livreria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOQAMBIQUE—Julio Augusto Pinto de Carvalho
MOZAMBIQUE—Joaquim Teixeira de Assumpção.
QUELLIMANE—Henrique Jorge de S. Neves.
BENQUELLA—Mathias & Tavares.
LOURENÇO MARQUINHOS—D. Bernardo Hestor da Silveira de Lorena.
S. TIOME — L. A. B. Alves Mendes

Na India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luza Francaes—Rua Alfonso de Albuquerque.

No Continente

PARTE—Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 110
EVORA.—(Agente geral em Evora e no Sul) Luis Freire Correia, Rua de Mouraria, 27.
BRAGA—VENTE—J. B. Carvalho.
POSTE DE LIMA—Gama, Amaral & Com.ª
COIMBRA—João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 12.
CARVALHO BANCOS—Pedro Augusto Passos.
ABRANTES—Antonio Augusto Selgauer.
ELFAI—João Antonio dos Santos Sobrinho.
AI COBIAGA—José Narciso da Costa.
PORTALEGRE—Domínguez da Guerra Conde LEIRA—Mansueto Pereira Dias.
FIGUEIRA DA FOZ—Antonio Marques de Oliveira
VIANNA DO CASTELLO—J. B. Domingues.
CORUHE—José Pereira Cabral.
TAVIRA — José Maria dos Santos.
FAHO — Maya & Trigosos.

No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o Brasil-Portugal os srs.:
Abreu Irmãos & C.ª, em S. PAULO.
Zeferrino Lourenço Martins (vice-consul de Portugal), em SANTOS.
Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Jaguará, n.º 1) em CAMPINAS.
Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em AMPARO.
A. Vianna Pinto de Sousa (vice-consul de Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.
Rio Solimões — J. C. Mesquita (casa Andersen) — MARAÑÓS.

Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapazi!
— Que queres? Loucuras ... excessos ... o diabo! ...
— Mas agora reparo ... Tu estás forte, rijo, comboas cores. E eras tuo fransino! ...
— Cousas, meu velho. Faze como eu. Toma o **Chocolate Brasil**, que se fabrica no Moimho do Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

Provenem os preciosos vinhos de Adriano Ramos Pinto

CHAPELARIA DA MODA
DE
JOÃO ALVES DA COSTA
32, Rua Garrett, 34-(Chiado)
LISBOA

Completo sortimento de chapéus e bonnets para homem e creança, nacionaes e estrangeiros, em seda, feltro e palha.
chapéus CLAQUES, ditos para fardas, librés, etc.

DEPOSITO das águas minero-medicinaes de MONDARIZ

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DRACAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL

GABINETE HYDROTHERAPICO
do Dr. Mauperrin Santos
Medic. 2 de octavos | J. Silvestre d'Almeida
Instal. de hydrotherapica completa; duas salas de a. j. para homens e senhoras, inteiramente autônomas e independentes; gabinete anexo d'electricidade e massagem. Massagem e gymnastica medica, dirigida por C. de Sousa. Tratam. de doenças nervosas e do estomago.
Aberto das 8 às 12 da manhã e das 3 às 5 da tarde
ENTRADA: CALÇADA DO DUQUE, 30
CALÇADA DA GLORIA, 15 Lisboa

Estamparia do Bolhão
Casa Fundada em 1850
Rua de Fernandes Thomaz, 328
PORTO
Grandes Armazens



fazendas de seda
lã e algodão
NACIONAES
E
ESTRANGEIRAS
Tapetes, alfombras, juleas,
OLEADOS
PERFUMARAS
MIUDEZAS
eic

VINHEOS

CHAMPAGNE

VILLAR D'ALLEN
VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGENTES: **JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.**

Rua 1.º de Março, 59 — RIO DE JANEIRO

GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: **CANDIDO AUGUSTO FERREIRA**

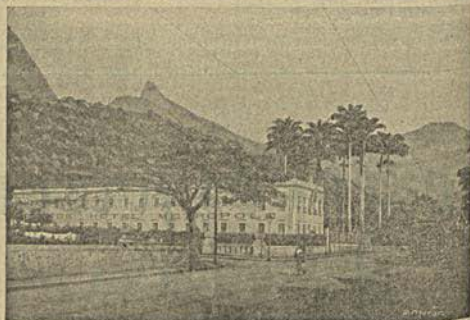
O **Metropole**, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 3 minutos da Estação do CORCOVADO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.



Grande HOTEL



O mais conceituado e respeitavel para familias

No centro da cidade

Accomodações de luxo.

Ar, luz e conforto.

Bonds á porta—Preços sem competencia

PROPRIETARIO

CARLOS SCHORCHT

R. de S. Bento, 49.

S. PAULO (Brasil).

Moinho Matarazzo

F. MATARAZZO & C.^A

3:000 saccos diarios

DAS

MARCAS

LILI—LIDIA—CLAUDIA—TOSCA
IDA E OLGA

SEMMOLA DE PRIMEIRA QUALIDADE

Rua Monsenhor Andrade, 88.

ESCRITORIO :

Rua 15 de Novembro, 26.

S. PAULO (BRASIL)

Novo Hotel do Guarujá

EMPRESA

MANUEL D'HUICQUE

ILHA DE SANTO AMARO

SANTOS (BRASIL)



VEADO

ESPECIALIDADES FUMOS EM PACOTINHOS
E CIGARROS EM CARTEIRINHAS



PORTO
REGISTRADA
MARCA DE COMERCIO

VINHOS VELHOS
LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

DE

Londres, 1862; Porto, 1865; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e autênticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO



Cimento Portland

MARCA



(TORQUEZ)

Qualidade superior garantida
O MAIS ECONOMICO DE TODOS OS CIMENTOS
UNICOS IMPORTADORES:

Antonio Miguel & Comp.

RUA DIREITA, 46--S. PAULO (Brazil)

Companhia Geral do Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Emprestimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo—juro de 4, 4 1/2, 5 e 5 1/2, de 10 a 60 annos Emprestimos de conta corrente: a juro de 5 1/2 e commisso de 1/4 % de 1 a 6 annos. Depósitos: acceptam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2 % á ordem e 3 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos distictos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

COMPANHIA

Mechanica e Importadora

DE SÃO PAULO

Endereço teleg.—Mechanica.

Escritorio: RUA 15 DE NOVEMBRO N.º 36—Caixa no Correio, 51
em Londres: Broad Street House-New Broad Street, London, E. C.
Officinas: Rua do Triumpho, n.º 37 a 43
Fundição e Depósitos: Rua Monsenhor Andrade—Braz

Importação e fabricação de
Machinas a vapor, moltores a Kerozene, turbinas hydraulicas, rodas d'agua, materiaes para luz electrica, serras ae varios typos, machinismos para beneficiar café, desopiladores, materiaes e machinismos diversos para uso nas fazendas, para serrarias, carpintarias, marcenarias, ferreiros, serralheiros, gazistias, junileiros, fabricantes de carros e carroças, materiaes para estradas de ferro, abastecimentos d'agua e esgotos, construção e engenharia.

Carvão de machina, coke, carvão de forja, ferro guza, ferro batido em barras, chapas e perfis diversos, tubos pretos e galvanizados, cimento, telhas de zinco, arame liso e farpado, tijolos refractarios, etc., etc.

S. PAULO—Brasil.



Livros uteis e instructivos

Grande redução nos preços primitivos do catalogo n.º 3, das edições da «Empresa Editora de Arthur da Silva», Rua dos Donatores, 72—Lisboa.

| | |
|--|--|
| HISTORIA UNIVERSAL—«C. Cantus—Desde a creação do mundo até á nossa época Traduzida por Manoel Bernardes Branco, 13 volumes, in-4, gr., 2.ª edição, com 5.050 pag. e 81 gravuras, br., 18.000 | HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA (BRASIL)—«Sebastião da Rocha Pitta—Desde o anno de 1500 até o de 1725.—Revisão e annotada por J. Gomes Goês, in-8, grande, 2.ª edição de luxo 431 pag. e com 10 grav. e 1 mappa, broch., 12.000 |
| OS ULTIMOS TRINTA ANNOS, 1848 a 1878.—«C. Cantus—Versão pelo visconde de Castilho—in-8, com 512 paginas e retrato do sector, br., 500 | EM 1/4 encad. fran. caes., 1.800 |
| Em encad. inteira ou 1/4 imper., 800 | RESENHA DAS FAMILIAS TITULARES E GRANDES DE PORTUGAL—«Silvares—1.ª edição, com 150 pag., edição de luxo com brades de armas no texto, br., 12.000 |
| DICIONARIO ENCYCLOPEDICO OU NOVO DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA.—«D. Jo e M. A. A. O. de A. e C. da—«C. Cantus—Versão pelo visconde de Castilho—in-8, com 512 paginas e retrato do sector, br., 500 | Em 1/4, chagrin, caes. especial., 2.000 |
| Em encad. inteira ou 1/4 imper., 800 | OS SENHORES FIDALGOS DE QUIXOTE DE LA MANCHA—«Alf. de Lencastre—Traduzido por J. Gomes Goês, in-8, com 231 pag. e 1 mappa do Ambr., broch., 12.000 |
| Em 1/4, encad. fran. caes., 1.800 | OS SESTOES D'AFRICA—«Alfredo Sottomento—«Apontamentos de viagem, in-8, com 231 pag. e 1 grav., 12.000 |
| | Em 1/4, encad. franc., 2.000 |



FABRICA
DE
TECIDOS e FIAÇÃO

SANTA MARIA SOROCABA

PROPRIETARIOS:

ERNESTO ZSCHÖCKEL & C.^A

Escritorio Central:

S. PAULO — Rua S. Bento, 45

CAIXA POSTAL 96.

Endereço telegraphico: DUODECIMO.

ESPECIALIDADE da fabricação

BRINS e RISCADOS

DANIEL MONTEIRO D'ABREU

Agente dos BANQUEIROS

PINTO DA FONSECA & IRMÃO

DO

PORTO

SAQUES:

Sobre 300 agencias em Portugal e Ilhas

» 800 » » Hespanha

» 3.600 » » Italia e Syria

» **Londres e Paris**

Por conta dos BANQUEIROS

PINTO DA FONSECA & IRMÃO

As letras entregam-se immediatamente

Rua 15 de Novembro, n.º 7.

(No edificio do Consulado de Portugal.)

S. PAULO (BRASIL)

DROGARIA

E

Perfumaria

DE

J. AMARANTE & C.^A

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas
nacionais e estrangeiras

Accessorios para pharmacias, vasilhames, etc.

Agua mineral natural de todas as procedencias.

Deposito permanente de todos os preparados
nacionais de *Silva Araujo, Werneck, Orlando
Rangel, Granaio e Freire de Aguiar.*

Completo sortimento de perfumarias dos
mais afamados fabricantes francezes, inglezes e
norte-americanos.

Rua Direita, 11.

S. PAULO (Brasil).

Caixa postal, 149.

Bo Boticão Universal



Primeiro Deposito
de Artigos Dentarios

Na Capital do Estado de S. Paulo

Januario Loureiro

Rua de Bento n.º 16

Caixa Postal n.º 71 — S. PAULO

ESCOLA ACADEMICA

Instituída em 1 de outubro de 1847

Fundador — Antonio Florencio dos Santos

DIRECTOR E PROPRIETARIO

Jayme Maupeyrin Santos

Bacharel formado em Philosophia e Medicina
pela Universidade de Coimbra;
Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa
Medico dos Hospitales Civis

Ensinam-se n'esta Escola instrucção primaria, instrucção secundaria, periodo transitório e curso geral dos lyceus, conforme o Regulamento de 14 de Agosto de 1895, havendo além d'isso um curso commercial essencialmente pratico e completamente independente do curso geral dos lyceus.

As disciplinas que constituem este curso, e que são leccionadas em classes especiaes e por professores especiaes, são as seguintes, e distribuídas em 4 annos:

CURSO COMMERCIAL

1.º Anno

Portuguez
Francez
Inglez
Allemao
Arithmetica e calculo commercial
Calligraphia
Pratica de escriptorio

2.º Anno

Portuguez
Francez
Inglez
Allemao
Arithmetica e calculo commercial
Geographia geral
Calligraphia
Pratica de escriptorio

3.º Anno

Francez
Inglez
Allemao
Arithmetica e calculo commercial
Historia patria
Geographia commercial
Physica e chimica elemental
Historia natural elemental
Calligraphia
Pratica de escriptorio

4.º Anno

Francez | Exercicios de redacção e de conversação
Inglez |
Allemao |
Contabilidade geral e escripturação commercial
Materias primas e especiaes commerciaes
Elementos de economia politica e legislação commercial e aduaneira
Pratica de operações commerciaes

O ensino pratico das linguas vivas começa na instrucção primaria, e nos quatro annos ha, em todas as aulas de linguas, exercicios de conversação regularmente distribuídos por toda a semana.

Aos alumnos que concluírem este curso, ser-lhes-ha passado pela Escola um certificado do curso, com as informações relativas á sua applicação, aproveitamento e procedimento.

Os horarios e mais disposições relativas a todos os cursos estão patentes no vestibulo da Escola e enviam-se pelo correio a quem os requisitar.

Lisboa e secretaria da «Escola Academica», 15 de Julho de 1901.

O DIRECTOR — **Maupeyrin Santos.**

Modas e confecções



Últimas Novidades de Paris,
Londres e Berlim

ALMEIDA & SERPA PINTO

Succ.^s de Almeida & C.^a

PORTO - PORTUGAL

ATELIERS DE MODAS

dirigido por uma modista franceza

PRAÇA CARLOS ALBERTO, 33 a 38 A

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL.
Capital social 2.400.000.000 réis
18.000.000.000
De cada pagar desde 1884 até 1898
PRÊMIO DE RESERVA E 832.000.000
pagares de 100 réis cada um
de que se tirou
Equitar Alambique e União Marítima
Cruzada de Fracasso entre os nomes marítimos
e nome de transporte de qualquer natureza.
Direcçãoes—Lima, Mary & Filhos
LISBOA—Rua da Prata, 89, 2.º



GUILHERME SILVA

Camisae, ceroulas,
gravatas, collarinhos
e punhos



Roupas bordadas
e camizetas
Enxovas em todos os
generos

LONDON & PARIS

109, Rua de S. Nicolau, 111

LIBOIA

ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO COUTO

Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

Rua do Alecrim, III, 1.º — LISBOA



JOÃO FERREIRA
PRIMEIRO FABRICANTE DE CAFÉ E CHOCOLATE EM PORTUGAL
PORTO

Agencia Financial DE PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica
portuguesa, fundada e amortisavel nos termos da legislação vi-
gente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA
GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em to-
das as capitães de districto e sédes dos conce-
lhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

FOSFIODOGLICINA

DE

Lemos & Filhos

Superior ao oleo de fígado de bacalhan,
Superior ás emulsões oleosas,
Superior a todos os depurativos,

na cura das Escrophulas, Rachitismo,
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resulta-
dos seguros e rapidos no tratamento das doenças aci-
ma indicadas, quer em creanças quer em adultos. É
agradavel á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a
opinião favoravel de professores da Escola Medica,
directores dos hospitaes, asylos e dispensarios, nota-
veis medicos eminentes especialistas.

Ensaado com exito seguro em todas as casas de
beneficencia do Porto.

MARCA E NOME REGISTRADOS

Frasco, 600 réis; caixa de 6 frascos, 36300 réis; caixa
de 12 frascos, 69200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.ª classe, Lemos & Filhos, Porto

Telephone 309

31. PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as imitações e fraudes

A' venda em todas as boas pharmacias
e drogarias do paiz

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

FABRICA DE TECIDOS DE LÃ E ALGODÃO



BERGMAN KOWARICK & C.^o

Endereço Teleg.: BERKO — S. Paulo

Estação de S. Bernardo

ESTADO DE S. PAULO — BRASIL

Escritorio — Casa C. P. VIANNA — Rua do Commercio, 11 e 13

S. PAULO

LOJA DO JAPÃO

GARCIA, NOGUEIRA & C.^A

Agentes do BANCO DO NIHO

Emittem saques sobre todas as localidades de Portugal, Ilhas, Hespanha e Italia, e sobre Paris, Londres e Hamburgo.

Compram cambiaes sobre estas praças

Importadores e especialistas de

**Chá, cêra, sementes,
fogos d'artificio,
lanternas, presuntos,
leite condensado,**

e muitos outros artigos do seu ramo de commercio.

Rua de S. Bento, 42.

S. PAULO — Brasil.

C. P. VIANNA & C.^A

Successores da antiga casa de J. P. de Castro & C.^A

IMPORTADORES E COMMISSIONARIOS

Unicos agentes no Estado de S. Paulo, das

AGUAS MILAGROSAS

de Lambary e Cambuqueira

Agentes da Companhia de Seguros maritimos e terrestres

LLOYD AMERICANO

Caixa postal n.^o 31.

Endereço teleg.: — «VANINA».

Codigo teleg.: — RIBEIRO.

R. do Commercio, n.^{os} 11 e 13.

S. PAULO (Brasil).